

Karl Marx Friedrich Engels

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA



Edições NOVA CULTURA

Proletários de todo o mundo, uni-vos!



Karl Marx Friedrich Engels

Manifesto do Partido Comunista

Edições Nova Cultura

2ª edição

2018

© 2018 - NOVACULTURA.info

Autorizamos que o conteúdo deste livro seja utilizado ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja impresso, digital, áudio ou visual por movimentos de massas, organizações, sindicatos, associações, etc.

Edições NOVA CULTURA

www.novacultura.info/selo



O selo *Edições Nova Cultura* foi criado em julho de 2015, por iniciativa dos militantes da **UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA**, com o objetivo de promover e divulgar o marxismo-leninismo.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich; Manifesto do Partido Comunista. 2ª Edição. 2018.

Conselho Editorial: União Reconstrução Comunista

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA *CREATIVE COMMONS*

Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil.

É permitido:

– Copiar, distribuir, exibir e executar a obra – criar obras derivadas



Sob as seguintes condições:

ATRIBUIÇÃO: Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante; **USO NÃO COMERCIAL:** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; **COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA:** Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

– Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outro, os termos da licença desta obra.

 a n i f e s t

der

Kommunistischen Partei.

Veröffentlicht im Februar 1848.

Proletarier aller Länder vereinigt Euch!

London.

Gedruckt in der Office der „Bildungs-Gesellschaft für Arbeiter“
von J. C. Burghard.

46, LIVERPOOL STREET, BISHOPSGATE.

"Marx e Engels traçaram as linhas gerais do Partido como vanguarda do proletariado, sem o qual o proletariado não pode conquistar sua emancipação, seja no sentido de tomar o poder ou de reconstruir a sociedade capitalista. Lenin desenvolveu estes contornos ainda mais e os aplicou as novas condições da luta do proletariado no período do imperialismo"

V. I. STALIN

ÍNDICE

Apresentação 13

Introdução 21

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA 53

I. Burgueses e Proletários 56

II. Proletários e Comunistas 72

III. Literatura Socialista e Comunista 83

IV. Atitude dos comunistas ante Partidos de oposição 96

Apresentação

A **União Reconstrução Comunista**, por meio do seu selo Edições Nova Cultura, publica sua edição do *Manifesto do Partido Comunista*, uma vez que se trata de um documento indispensável para a formação das amplas massas do povo brasileiro. Como todos sabem, já são inúmeras as edições em língua portuguesa disponíveis ao público do nosso país, desde aquela primeira tradução brasileira feita pelo camarada Octávio Brandão, um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil, em 1924, a partir de uma versão em francês. A edição apresentada agora pela URC, traduzida a partir da versão espanhola das obras escolhidas de Karl Marx e Friedrich Engels, acrescenta como introdução o artigo “A História do ‘Manifesto do Partido Comunista’ de Marx e Engels”, escrito por V. Adoratsky, diretor do Instituto Marx-Engels-Lenin por ocasião dos 90 anos da publicação da obra.

O Manifesto está entre os documentos políticos mais importantes da história da humanidade. Não somente pela sua representatividade para o desenvolvimento do movimento comunista que teve lugar desde sua publicação em fevereiro de 1848, mas, sobretudo, por sua peculiaridade de apresentar junto ao programa da Liga dos Comunistas, uma análise que, calcada no materialismo histórico, demonstrava cientificamente todo o desenvolvimento da sociedade humana até então, uma síntese que demonstra que o motor da história é a luta de classes.

E este é um mérito inextinguível do Manifesto, a exemplar análise exposta, de forma sintetizada, mas sem abandonar o rigor necessário, que explica a totalidade de um amplo processo pelo qual passou a humanidade até a surgimento do

capitalismo, as características deste modo de produção e o desenvolvimento do proletariado, classe fruto deste desenvolvimento das forças produtivas e que será o coveiro do capital.

E é esta tal justeza na compreensão dos processos e suas leis gerais já neste momento da trajetória dos dois grandes mestres criadores do socialismo científico é o que faz com que o *Manifesto do Partido Comunista* se mantenha até os dias atuais como uma referência para todos aqueles que se pretendem comunistas e buscam sinceramente pôr fim a exploração do homem pelo homem e a construção de uma nova sociedade.

Não à toa, o Manifesto foi publicado em um momento em que a Europa explodia em revoltas e revoluções com participação da classe operária, que pela primeira vez na história tomava as rédeas da história em suas mãos. Ainda que as poucas mais de 20 páginas que compunham o texto naquele início do ano de 1848 não puderam influenciar diretamente nos acontecimentos de então, estas pode ser vistas como a expressão teórica daquelas revoluções, que validavam a teoria da luta de classes como o grande impulsionador da história, da necessidade do proletariado organizar-se enquanto classe em torno de um Partido e que a partir dali, o socialismo não seria somente uma aspiração solidária, mas sobretudo uma necessidade histórica, que nasce do próprio desenrolar concreto da sociedade capitalista em que vivemos. Contém em si o germe fundamental do socialismo científico, desenvolvido pelos dois grandes mestres, levado ao um patamar superior por V. I. Lenin já na etapa do imperialismo e da revolução proletária, e enriquecido por outras experiências, como o Pensamento Mao Tsé-tung, a partir da experiência da Revolução Chinesa.

De forma merecida, o *Manifesto do Partido Comunista* é reconhecido como um extraordinário libelo acusatório ao capitalismo. Evidentemente, o capitalismo se modificou desde então, passou a sua fase superior, o imperialismo e se expandiu por todo o globo e, contudo, alguns princípios expostos na obra seguem válidos até hoje. Não somente a luta da classe operária e das massas trabalhadoras contra os baixos salários, o desemprego, as condições precárias, a discriminação e a falta de direitos das mulheres, o trabalho infantil, a falta de moradia digna e de saúde, e o empobrecimento e a miséria, problemas enfrentados desde aquela primeira metade do século XIX, que ainda fazem parte do cotidiano da grande maioria das massas trabalhadoras em todo o mundo, principalmente na Ásia, na África e na América Latina. Ao mesmo tempo que aponta as questões imediatas que se impõem à luta dos trabalhadores, o Manifesto indica claramente a natureza e as leis gerais do capitalismo e a possibilidade histórica de superá-lo. Uma vez mais, a história confirma a validade desta posição e a crise internacional do capital que se desenvolve e desfere golpes contra os trabalhadores reforça tal necessidade.

Outra tarefa à qual se dedicaram no *Manifesto do Partido Comunista* é a da crítica incisiva contra todas as concepções de socialismo existentes que prejudicariam o desenvolvimento do movimento operário, uma vez que estavam construídas sob bases ideológicas alheias aos interesses proletários. Os autores demonstram a ligação intrínseca entre a análise teórica dos fundamentos do capitalismo e a necessária crítica às alternativas equivocadas e errôneas que se apresentam ao estado de coisas vigente, no decurso da luta política. É fundamental, portanto, expor a uma crítica demolidora as

insuficiências e debilidades destas correntes que pretendem combater o sistema de exploração vigente.

Isto é válido no Manifesto e sua explanação sobre os tipos de socialismos existentes então como é para os nossos dias. A queda da URSS e do socialismo no Leste Europeu fez com que a indústria do anticomunismo se apresentasse como triunfante, a ideologia burguesa que já havia contaminado há muito também o movimento comunista internacional, com a ascensão do revisionismo de Khrushchev e suas outras variedades, que intentavam amputar do marxismo alguns dos seus princípios fundamentais, como a da derrubada violenta do poder e a centralidade da luta de classes, já desenvolvidos por Marx e Engels no Manifesto. O cenário atual apresenta também uma tendência à fragmentação das lutas, ao isolamento de questões específicas, com a opressão à mulher ou o racismo, impedindo aos movimentos envolvidos nas lutas em torno destes temas a compreensão da totalidade da sociedade capitalista e como estes problemas estão intimamente ligados à dominação da classe burguesa.

Diante de tudo isto, este ensinamento deve ser compreendido por todos os comunistas brasileiros. Além do estudo rigoroso da realidade brasileira e do socialismo científico, temos como tarefa primordial travar um combate ideológico firme contra o oportunismo e o revisionismo dentro do movimento comunista, lutar contra as posições políticas danosas aos movimentos de massas e criticar decididamente as concepções ideológicas que sejam alheias aos interesses do proletariado. Isto é indispensável que cumpramos tal tarefa para que avancemos na Revolução Brasileira.

Outro ponto fundamental já demonstrado no *Manifesto do Partido Comunista* é o caráter de classe do Estado. Marx e Engels demonstram que o Estado é um instrumento

político da dominação burguesa sobre o proletariado, ainda que a propaganda ideológica tente caracterizá-lo como “democrático”. Em suma, o Estado não é senão “uma comissão que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa”. Este é um ponto fundamental, considerando todas as ilusões alimentadas em nosso país, os reformistas de todos os tons que ainda defendem a possibilidade de modificar a sociedade via Estado, que pouco a pouco suas pequenas reformas ofertariam conquistas aos trabalhadores, e mesmo dentro os que reivindicam o marxismo (na realidade, mergulhados no revisionismo) mantêm de forma mais ou menos descarada a ilusão na “democracia” burguesa, nas chances de administrar o Estado burguês, como se fosse possível atenuar seu caráter de classe e fazer “disputas” dentro deste. Obviamente, para o marxismo as reformas são possíveis dentro dos marcos do capitalismo, mas o que se ressalta aqui é precisamente o caráter condicionado, temporário e reversível destas, enquanto que se conserve o poder nas mãos da burguesia. Apenas com a derrubada violenta da classe burguesa e o poder nas mãos da classe proletária se pode levar a cabo as mudanças estruturais para construir uma nova sociedade.

Há ainda outro ponto importante, que se mantém até os dias de hoje: a questão da luta das mulheres. Evidentemente, é um tema que os dois autores irão trabalhar melhor em um momento posterior da sua produção teórica, em trabalhos como o sobre a questão do suicídio e a dominação do patriarcado sobre a mulher, além da obra de Engels *Origem da propriedade, da família e do Estado*, que oferece uma análise da formação do patriarcado e da dominação sobre a mulher, uma contribuição importante para a compreensão da constituição material desta relação e de como o capitalismo

reforçou tal opressão. No debate contra os detratores burgueses que acusam os comunistas de pretender a coletivização das mulheres, Marx e Engels demonstram a hipocrisia da dupla moral da burguesia, que no discurso moralista defendem a pureza do dogma da religião, mas na prática, além de usufruir das mulheres e filhas dos proletários e a prostituição oficial, ainda compartilham suas esposas entre si. Isto ocorre pelo fato da visão burguesa de mundo enxergar na mulher somente mais um mero instrumento de produção, algo mais do seu patrimônio. Em um momento que as mulheres mais uma vez se levantam no combate ao machismo e a opressão de gênero, o materialismo histórico tem muito a contribuir para a compreensão desta questão e para traçar a linha política e as táticas para a luta por uma nova sociedade que supere o machismo, ideologia de uma sociedade decadente, condenada a ser destruída.

Há ainda muitas outras questões. Como os próprios Marx e Engels escreveram em um prefácio para uma edição alemã em 1872, por mais que tivessem se modificado as circunstâncias durante os 25 anos que separavam da data original da publicação, os fundamentos expressos no Manifesto seguiam substancialmente exatos, e, portanto, não haveria motivo para reescrevê-lo. Contudo, evidentemente, o texto contém limitações, como é característico deste tipo de documento político. Do ponto de vista teórico há equívocos, como a afirmação da tendência ao empobrecimento absoluto da classe operária no sistema capitalista (o que foi devidamente retificado em trabalhos posteriores), além de outras debilidades, compreensíveis diante da conjuntura política e o próprio acúmulo de dois jovens adultos que ainda estavam no início de uma empreitada que modificou indelevelmente o conhecimento humano.

Por fim, o *Manifesto do Partido Comunista* segue com alta relevância pois nos oferece uma análise concreta dos fundamentos do capitalismo, importante em um momento histórico que se estende desde o fim da URSS, no qual vimos toda espécie de teorias “socialistas” que buscam criar “novas utopias”, novas formas de socialismo “democrático” para se opor a toda a heroica experiência de construção socialista dos povos no século XX, descartar todo o legado das revoluções russa, chinesa, coreana, cubana, entre outras, passando concretamente ao lado da ideologia burguesa e sua voraz campanha anticomunista. Ao invés das “novas” alternativas que se sucedem sem nada de concreto construir, o Manifesto segue como uma referência de uma compreensão materialista histórica do mundo, que fundamentou e impulsionou o início de um processo gigantesco de libertação das massas trabalhadoras em todo o mundo desde sua publicação.

Um texto fundamental para a formação de todos aqueles comprometidos com o futuro do nosso país e com a luta da classe operária. Por isto, o selo Edições Nova Cultura publica este volume, certos de que possa seguir contribuindo com a difusão do que de melhor produziu a literatura revolucionária dos povos.

UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA

Introdução

O *Manifesto do Partido Comunista* veio à luz do dia um pouco antes da Revolução de Fevereiro de 1848. Neste brilhante trabalho escrito há 90 anos – setenta anos antes da vitória obtida em 1917 pela Grande Revolução de Outubro –, Marx e Engels anunciaram a revolução proletária vindoura, colocaram as razões estritamente científicas de sua necessidade histórica, e previram a inevitável derrota da burguesia e a vitória do proletariado. Marx e Engels demonstraram cientificamente sua doutrina sobre o papel histórico universal do proletariado, a classe gerada pelo desenvolvimento do capitalismo industrial e a classe de maior capacidade revolucionária da história mundial.

A tarefa histórica do proletariado é destruir as classes, criar uma sociedade comunista e assegurar o desenvolvimento das forças produtivas sociais a um grau desconhecido até agora. A estrutura secular da sociedade capitalista pode ser destruída e a dominação da burguesia, que agora é incompatível com a existência e o desenvolvimento da sociedade, pode ser varrida, unicamente com a condição de que o proletariado, líder de todos os oprimidos e explorados, conquiste o poder e instaure sua ditadura. Somente sob a ditadura do proletariado, sob a direção do proletariado, os trabalhadores podem construir uma sociedade comunista.

Em 1914, sobre o *Manifesto do Partido Comunista*, Lenin escreveu: “Esta obra expõe com uma clareza e brilhantina geniais, a nova concepção de mundo, o materialismo consequente aplicado também ao campo da vida social, a dialética como a mais completa e profunda doutrina do desenvolvimento, a teoria da luta de classes e do papel revolucionário

histórico mundial do proletariado como criador de uma nova sociedade, da sociedade comunista”.¹

Aqui Lenin também destaca o supremo significado revolucionário do *Manifesto do Partido Comunista* e o profundo conteúdo teórico deste trabalho, sua enorme importância científica. No Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels anunciaram a chegada de uma nova época na história da humanidade, e ao mesmo tempo sua obra abria uma nova época no desenvolvimento da ciência.

I. A BASE TEÓRICA

O *Manifesto* foi fruto de um extraordinário trabalho de investigação científica preliminar, fruto de um enorme trabalho preparatório.

Quando ainda era um estudante universitário (1836-1837), Marx começou a estudar filosofia, história e direito, e para 1847 havia submetido à crítica os melhores estudos do desenvolvimento do pensamento teórico e científico precedente, nas obras da filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês (e inglês).

A evolução de Engels também seguiu a mesma linha que a seguida por Marx. A partir do ano de 1844, se estabeleceu entre eles uma amizade e colaboração inalteráveis. Engels, como Marx, passou pela escola da filosofia hegeliana, e teve uma aproximação absolutamente independente à elaboração dos pontos de vista expostos no *Manifesto*. Em 1845, publicou seu esplêndido livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Nesse mesmo ano, visitou Marx em Bruxelas, e juntos analisaram e submeter à crítica a herança teórica da burguesia.

1. V. I. Lenin, “A Guerra e a Social-democracia da Rússia”, em Obras Escolhidas em 12 tomos, tomo. 5, p. 21.

Marx depurou o método dialético de Hegel do seu conteúdo idealista, e passou a aplicá-lo de uma forma materialista. Realizou este trabalho durante os anos 1843-1846, seguindo Feuerbach até o ponto de vista do materialismo. Contudo, Marx foi mais além que Feuerbach. Não se conformou com o materialismo contemplativo de Feuerbach, e assim criou o materialismo dialético revolucionário, combinou a ciência com a prática revolucionária, e aplicou o materialismo ao estudo da história da sociedade humana, algo que Feuerbach não pôde fazer.

Marx criticou a filosofia jurídica hegeliana (*Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*, 1843) e, em colaboração com Engels, estudou criticamente a filosofia idealista de Hegel e seus discípulos – os hegelianos de esquerda (*A Sagrada Família*, 1844) e o ponto de vista idealista da filosofia de Hegel acerca da história da evolução da natureza, da sociedade humana e o pensamento (*A Ideologia Alemã*, 1845).

O método dialético nos ensina a abordar todos os fenômenos da natureza, a história e o pensamento em seu processo de desenvolvimento, em seu conjunto, em relação com todas as condições que dão lugar aos mesmos. Busca a causa do desenvolvimento não em alguma força exterior, mas nos próprios fenômenos, na luta dos contrários, que é característica de todos os fenômenos. Depois de ter livrado o método dialético do idealismo – que está em flagrante contradição com a própria natureza do pensamento dialético, dado que este exige uma percepção integral e profunda dos fenômenos concretos tal como têm lugar na realidade material objetiva –, Marx e Engels se propuseram a tarefa de estudar as leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade humana.

Marx e Engels retiraram o abismo que existia entre a teoria e a prática, ao pôr a teoria e a ciência a serviço da luta

revolucionária do proletariado pela libertação de toda a humanidade trabalhadora da exploração capitalista e todo tipo de opressão. Ao pôr a ciência ao serviço da maior revolução de todas, Marx e Engels abriram novas e ilimitadas perspectivas, criando, pela primeira vez, uma base estritamente científica para o estudo dos fenômenos sociais.

Os fundadores do marxismo demonstraram de forma clara que a causa motriz do desenvolvimento não reside nas contradições de conceitos como ensinava Hegel, mas sim nas contradições existentes no próprio mundo material. A força motriz do desenvolvimento social é a luta revolucionária do proletariado na sociedade capitalista. Armado com o método da dialética materialista, Marx elaborou a concepção materialista da história sobre a base de um estudo da história da revolução da burguesia na França e o posterior desenvolvimento da luta de classes na sociedade burguesa, que havia rompido os grilhões do feudalismo.

Resumindo a experiência histórica das revoluções, e baseando-se em um profundo conhecimento da essência das relações capitalistas, Marx criou sua teoria da luta de classes e doutrina sobre o papel histórico mundial do proletariado.

Engels declarou que essa teoria amadureceu na mente de Marx em 1845. A expôs a Engels quando se reuniram em Bruxelas, na primavera de 1845. Este é seu conteúdo, exposto de forma sucinta por Engels: [...] “a produção econômica e a estrutura social, que necessariamente se origina em cada época histórica, constitui a base para a história intelectual e política desta época... em consequência (desde a dissolução da propriedade comunal primitiva da terra), toda a história tem sido a história da luta de classes, das lutas entre explorados e exploradores, entre dominados e classes dominantes nas diversas etapas da evolução social... esta luta, contudo,

agora alcançou uma etapa em que a classe oprimida e explorada [proletariado] já não pode emancipar-se da classe que explora e a oprime [burguesia] sem que ao mesmo tempo liberte definitivamente toda a sociedade da exploração, da opressão e da luta de classes". [Marx, Obras Escolhidas, t. 1]²

Depois de convencer-se da falsidade do ponto de vista idealista sobre a sociedade humana, Marx observou que as relações decisivas e fundamentais da sociedade humana eram as relações econômicas que surgem sobre a base do desenvolvimento das forças produtivas materiais da sociedade. Em consequência, Marx se ocupou da economia política, a ciência que precisamente estuda tais relações.

Em Paris (1843-1844), Marx estudou os trabalhos dos melhores representantes da economia burguesa (principalmente Smith e Ricardo) e, continuando seus estudos e análise crítica da economia política burguesa, em Bruxelas (1845-1847), Marx desenvolveu sua teoria da mais-valia.³

2. Engels considerou necessário reiterar a afirmação de que a ideia básica do *Manifesto* tal como indicado na citação acima pertence "única e exclusivamente" a Marx, que a parte mais considerável das principais ideias, diretrizes, particularmente no campo econômico e histórico, e, em especial, sua formulação nítida e definitiva, pertencem a ele... Marx era um gênio... Sem ele a teoria não seria hoje, nem com muito esforço, o que é. Por isto leva legitimamente seu nome. (Ver Engels, "*Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*")

3. Na época em que o *Manifesto do Partido Comunista* foi escrito, Marx havia estudado enorme quantidade de literatura econômica especializada. No Instituto Marx-Engels-Lenin se encontram conservados vinte e quatro grandes cadernos, fechados entre 1843 e 1847, que contém extratos e resumos dos livros lidos por Marx durante este período. Estes cadernos contêm resumos de obras de cerca de setenta economistas dos séculos XVII, XVIII E XIX (Smith, Ricardo, James Mill, W. Petty, Thomas Tooke, W. Cobbett, W. Thompson, Ure, Babbage, Owen, J. Wade, F.M. Eden, Sismondi, Blanqui, Quesnay, Destutt de Tracy, Boisguillebert, Rossi, Storch, Gülich E muitos outros). Se estes cadernos fossem impressos ocupariam cerca de 2.250 páginas.

Os capitalistas, os donos dos meios de produção, se apropriam do trabalho não retribuído aos proletários, a classe privada de seus próprios meios de produção e obrigada a vender sua força de trabalho.

A teoria da mais-valia criada por Marx, que resolve a questão de fundo quanto a origem da exploração na sociedade capitalista, se encontra na base da primeira obra de Marx sobre teoria econômica, *A Miséria da Filosofia* (publicada no verão de 1847) e das conferências sobre *Trabalho Assalariado e Capital* proferidas na Sociedade Educativa de Operários Alemães em Bruxelas, em fins de 1847.

Todos trabalhos científicos citados foram a base da teoria do socialismo científico elaborada por Marx e Engels.

Marx fez uma análise profunda das relações capitalistas e revelou plenamente a natureza revolucionária do proletariado, a que se deriva das próprias condições deste último na sociedade capitalista, do seu papel na produção material.

Marx e Engels viram a garantia do triunfo do socialismo, não nas cabeças de indivíduos sábios, mas na luta verdadeiramente revolucionária das massas oprimidas e exploradas do proletariado, no crescimento de sua organização, consciência e determinação revolucionária que se desenvolve no curso da luta. Para Marx e Engels, o comunismo não é uma simples doutrina ou dogma. Está baseado no movimento revolucionário das massas proletárias, em sua luta concreta.

Para os socialistas utópicos, o proletariado era uma classe desafortunada e sofrida, a quem se propunha dar esmolas a partir de uma posição superior. Marx e Engels viram no proletariado uma força revolucionária poderosa; para eles, o proletariado era a classe em cujas mãos estava o futuro.

Tudo o que tinham que fazer era convocar as forças do proletariado, uni-las e organizá-las para a luta, e dirigir esta sobre a base da ciência, da teoria revolucionária.

Mas, a teoria não pode se apresentar como um dogma já elaborado. Deve ser aprendida pelas massas a partir de sua própria experiência. Daqui decorre o papel do líder armado com a teoria revolucionária que, por sua vez, é o resultado de toda a experiência da sua luta histórica.

“As conclusões teóricas dos comunistas não estão baseadas de nenhuma maneira em ideias ou princípios que tenham sido inventados ou descobertos por tal ou qual reformador do universo. Elas são simplesmente a expressão, em termos gerais, das relações concretas de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve ante nossos olhos”. [Karl Marx, *Obras Escolhidas*]

Enquanto participa na luta direta das massas e a dirige, o destacamento de vanguarda do proletariado – o Partido Comunista – está indissolivelmente ligado às massas da classe operária e, por meio destas, com as massas trabalhadoras.

O Partido Comunista trava uma luta irreconciliável contra todas as influências burguesas sobre o proletariado; se opõe a todas as tentativas de mitigar a luta, de conciliar o proletariado com suas condições de escravidão sob o jugo da burguesia; contribui ao desenvolvimento da consciência e da organização do proletariado e a sua transformação em classe; o ajuda a conquistar o poder e a cumprir sua tarefa histórica de construir a futura sociedade comunista.

II. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Marx, o primeiro líder e teórico do proletariado, nasceu na família de um intelectual burguês prospero (seu pai era um advogado de Trier, na província do Reno, na Prússia).

Então, por que Marx rompeu totalmente com a burguesia e passou decididamente ao lado da classe operário, de forma que os princípios criados por ele se converteram na melhor arma teórica nas mãos da classe operária?

Nos anos trinta e quarenta do século XIX, na época em que se formaram as ideias de Marx, o capitalismo já tinha uma longa história de desenvolvimento. O capitalismo industrial começou a se desenvolver nos países da Europa Ocidental a partir do século XVIII. Em meados do século XIX, na França e sobretudo na Inglaterra, as condições inerentes ao capitalismo haviam se manifestado completamente. A grande indústria na Inglaterra se havia desenvolvido com especial rapidez e havia revolucionado todas as bases da sociedade burguesa. O efervescente proletariado revolucionário que ocupava os centros industriais e as grandes cidades se manifestou como uma força histórica ameaçadora e independente. Na França, em Lyon, o centro da indústria têxtil, teve lugar a primeira revolta de operários em 1831. Entre 1838 e 1842, o primeiro movimento operário em escala nacional, o movimento dos cartistas ingleses, chegou a seu ponto culminante. Na Alemanha, ainda que o desenvolvimento capitalismo estivesse apenas no início, também, as massas proletárias começaram a colocar suas demandas nos anos quarenta, como foi o caso da revolta dos tecelões da Silésia no verão de 1844.

A luta de classes entre a burguesia e o proletariado começou neste momento a tomar o primeiro lugar na história dos países mais desenvolvidos da Europa. A luta entre o proletariado e a burguesia assumiu um caráter extremamente agudo e tempestuoso.

Em virtude do seu gênio, Marx foi o primeiro a ter uma compreensão teórica da totalidade do curso do desenvolvimento histórico.

Marx, grande revolucionário e brilhante cientista, passou completamente ao proletariado, vinculou sua sorte com a desta classe, se converteu em seu líder maior, o organizador do destacamento de vanguarda, o Partido Comunista (a *Liga dos Comunistas* em 1847-1851; a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, a Primeira Internacional, em 1864-1873), e estabeleceu a base da teoria, a estratégia e a tática do partido proletário.

Para Marx e Engels, que descobriram o papel histórico do proletariado e criaram uma concepção de mundo nova e revolucionária, o que era importante era ganhar para o seu lado a classe operária europeia e sobretudo a classe operária alemã, convencê-la de que a compreensão das tarefas e das condições de libertação da classe trabalhadora, desvendada por eles, era correta.

Na segunda metade dos anos 40, quando Marx e Engels começavam sua atividade revolucionária, se chegou a um ponto de inflexão no desenvolvimento do movimento revolucionário na Europa Ocidental. Ali, para usar a expressão de Lenin, “o caráter revolucionário da democracia burguesa já havia caducado, enquanto que o caráter revolucionário do proletariado socialista ainda não havia amadurecido”.

Nesse momento, o capitalismo estava, todavia, em um período de desenvolvimento ascendente, o capital industrial progressista predominava e o proletariado ainda não havia conseguido se libertar da influência ideológica da burguesia.

Os operários, especialmente operários alemães, ainda não haviam rompido completamente com seu passado pequeno-burguês e artesanal. Em sua maioria, eram no fundo trabalhadores artesanais e pequenos artesãos independentes, e seus aprendizes se dedicavam principalmente ao trabalho manual (alfaiates, carpinteiros, etc.). Ainda que os aprendizes

de artesãos travassem uma luta contra os artesãos, seu ideal seguia sendo converter-se a longo prazo em artesãos eles mesmos e ter suas próprias pequenas oficinas independentes.

Porém, o crescimento do capitalismo industrial seguia irresistivelmente. A produção cedeu seu lugar à produção mecanizada em grande escala, e os pequenos artesãos caíram sob o domínio do grande capital. Estava evoluindo também teve reflexo na mentalidade dos operários. Entre eles, suscitou a necessidade de compreender as mudanças que se operavam na sociedade, e despertou um vivo interesse nas questões teóricas. Os círculos de estudos operários proporcionaram o terreno favorável para a aceitação das ideias propostas por Marx e Engels.

Marx e Engels combinaram o trabalho legal e ilegal, fizeram uso da imprensa legal, mantiveram conexões com todas as figuras ativas do movimento socialista na França, Inglaterra, Suíça e Alemanha, e desenvolveram uma propaganda sistemática dos seus pontos de vista. Criticaram energeticamente as ideias e os preconceitos burgueses que colocavam obstáculos para o proletariado adquirir uma consciência de classe claramente definida, que tivesse consciência de sua oposição irreconciliável à burguesia e da inevitabilidade da revolução comunista. Marx se opôs as velhas formas conspirativas de movimento, a organização de conjurações alheias às massas. Marx e Engels consideraram que sua tarefa consistia em organizar a propaganda massiva das ideias do comunismo científico entre os operários, e assim preparar o proletariado para ação independente pela conquista do poder.

A Liga dos Justos

Marx e Engels haviam mantido durante muito tempo relações com a sociedade secreta da *Liga dos Justos*.

Em 12 de maio de 1839 eclodiu em Paris a infrutífera rebelião organização pela *Société des Saisons*, sociedade secreta francesa revolucionária, que está vinculada a *Liga dos Justos*, e que entre seus membros se encontravam emigrados alemães. Seus principais membros, Karl Schapper e Heinrich Bauer, tiveram que abandonar Paris e se dirigiram a Londres. Desde 1840, a sede da *Liga dos Justos* se transferiu para Londres, dando assim um caráter internacional a Liga. Além dos alemães, começaram a compor a organização operários de diversas nacionalidades (escandinavos, holandeses, húngaros, tchecos, eslavos do Sul, russos, alsacianos) que utilizavam o alemão como língua comum, sendo a única que todos compreendiam. Por outra parte, a *Liga dos Justos* passou gradativamente a assumir o caráter de uma sociedade propagandista, já que a experiência havia evidenciado que as conspirações isoladas das massas não tinham esperanças. Em 1840, foi estabelecida em Londres a Sociedade Educativa de Operários Alemães, que estava sob a orientação da ilegal Liga.

Marx e Engels deram todo seu apoio a estas novas tendências que concentravam sua atenção nas tarefas de propaganda, que buscavam sacudir as velhas tradições de organizar conspirações; e estimularam o esforço em direção ao internacionalismo. Levaram a cabo sua propaganda por correspondência, por meio do envio de circulares. Realizaram um trabalho sistemático nos círculos de estudos operários e proferiram conferências nas sociedades operárias. Ao criticar implacavelmente as diversas teorias do socialismo pequeno-burguês, Marx e Engels em 1846 e 1847 conseguiram exercer uma influência decisiva na *Liga dos Justos*.

Recordando tais dias, Marx escreveu em 1860: “Publicamos uma série de panfletos, parcialmente impressos e parcialmente litografados, nos quais submetemos a uma crítica

impiedosa essa mescla de comunismo ou socialismo francês-inglês e filosofia alemã que então constituíam os ensinamentos secretos da Liga, e em seu lugar expomos o estudo da estrutura econômica da sociedade burguesa como a única base teórica firme e, finalmente, explicamos de forma popular que não questão de dar vida a algum sistema utópico mas de participar conscientemente no processo histórico de transformação revolucionária da sociedade que acontecia ante nossos olhos". [Karl Marx, *Herr Vogt*]

Marx e Engels opuseram às ideias utópicas e pequeno-burguesas vigentes nesse momento entre a vanguarda operária, sua doutrina da luta de classe organizada do proletariado, quem, por sua posição na produção e na sociedade, é o dirigente de todos os oprimidos e explorados.

Marx explicou aos operários quão perigosa e danosa era a totalidade das teorias e ensinamentos encaminhados a desviar a classe operária do caminho da luta de classe proletária, da luta pela conquista do poder do Estado – o único caminho para a destruição da opressão de classe e para a edificação da sociedade sem classes, a sociedade comunista.

A crítica do socialismo sentimentalista de Kriege

Marx criticou o comunismo utópico de Weitling, que tinha a fantasia de libertar o proletariado mediante a organização de um complô. Marx também criticou energicamente o socialismo sentimentalista de H. Kriege, que era similar ao ponto de vista dos populistas russos. No *People's Tribune*, publicado por Kriege em New York, este desenvolveu o plano utópico pequeno-burguês de resolver o "problema social", de uma vez por todas, convertendo a todo o mundo em pequeno camponês, para o qual se utilizariam as vastas extensões do território virgem da América.

Em uma carta circular especial, Marx criticou o plano de Kriege, do seu diário e de toda a tendência que representava. Marx demonstrou que Kriege não compreendia as verdadeiras relações da sociedade capitalista nem o significado da luta dos camponeses e da reforma agrária. Marx escreveu nesta circular: “Se Kriege tivesse considerado o movimento pela libertação da terra como a primeira forma do movimento proletário, necessário sob certas condições; se tivesse estimado este movimento como um que deve transformar-se necessariamente em comunista, pela força da condição de vida da classe de que procede; se tivesse demonstrado que as lutas comunistas na América inicialmente devem aparecer nesta forma agrária, à primeira vista incompatível com todo o comunismo em absoluto; então não teria nada a objetar em relação a isto. Mas Kriege declara como um assunto de toda a humanidade a esta forma de movimento de certa gente real, que somente tem importância secundária. Kriege expõe isto como o fim último e supremo de qualquer movimento, convertendo assim os objetivos definidos do movimento no mais puro absurdo.

Ademais, Marx escreveu sobre Kriege: “No mesmo artigo da edição nº 10 [do *People's Tribune*], entona canções triunfais, tais como: ‘E assim, por fim, se fariam realidade os sonhos seculares dos europeus. Neste lado do oceano haveria para eles terra preparada que poderiam tomar e fazer fértil com o trabalho de suas mãos, e assim seriam capazes de jogar na cara de todos os tiranos da terra a declaração orgulhosa: Esta é minha cabana não construída por vocês, este é minha casa que enche vossos corações de inveja’. Kriege poderia ter adicionado: Este é meu monte de estrume, trabalho meu, de minha esposa e meus filhos, do meu labrador e do meu gado. E que tipo de europeus veria nisto o cumprimento dos seus

sonhos? Em todo caso, não os operários comunistas! Certamente não os comerciantes e artesãos decadentes ou os camponeses arruinados que lutam pela felicidade de voltar a ser pequeno-burgueses e camponeses na América. E em que consiste o sonho a ser cumprido com a ajuda destes 1,4 milhão de acres? Em não outra coisa que senão a transformação de todas as pessoas em proprietários privados. Tal sonho é precisamente tão impossível de cumprir-se e tão não comunista como o sonho de transformar a todas as pessoas em imperadores, reis e papas”.

A carta circular de Marx foi aprovada na reunião do Comitê Comunista organizado em Bruxelas em 11 de maio de 1846. Nesta reunião, além de Marx e Engels, estiveram presentes o belga Gigot, os jornalistas emigrados alemães Sebastian Seiler e Louis Heilberg, o irmão da esposa de Marx, Edgar von Westphalen, Wilhelm Wolff e Weitling. Todos eles, exceto Weitling, subscreveram a contundente crítica dirigida contra Kriege. Na reunião, foi adotada a seguinte decisão, que somente Weitling se colocou contra: “A tendência do *People's Tribune*, que se publica sob a direção de Hermann Kriege, não é comunista. Os métodos infantilmente chamativos com que Kriege se apresenta, como representante desta tendência, comprometem seriamente ao Partido Comunista, tanto na Europa como na América, na medida em que Kriege é considerado o representante literário do comunismo alemão. Os desvios sentimentalistas e fantasiosos predados em New York por Kriege sob o nome de comunismo, devem ter efeito altamente desmoralizador sobre os operários se eles acreditarem nestes absurdos. Esta resolução, com os motivos da mesma, será notificada aos comunistas na Alemanha, França e Inglaterra. Uma cópia também será enviada ao conselho editorial do *People's Tribune*, com a proposta de que se imprima

junto com as razões da mesma, em sua próxima edição. *Bruxelas, 11 de maio de 1846*”.

A Luta contra Karl Grün

Marx e Engels travaram uma luta contra a tendência conciliadora pequeno-burguesa de Karl Grün, o representante do “Socialismo Verdadeiro” alemão, e contra as teorias de Proudhon, que queria preservar as relações burguesas, liberando-as dos seus “lados obscuros”, imaginando de maneira utópica que o impossível poderia se tornar possível.

Nos círculos de estudos dos operários alemães em Paris, Grün defendia os projetos de Proudhon para a organização de associações operárias de produção. Sustentava que, com a ajuda destes tipos de associações e o uso das poupanças dos operários, seria possível, pela via pacífica, emancipar-se da exploração capitalista e, portanto, resolver com êxito todos os problemas sociais. Engels, que no outono de 1846 havia ido a Paris para continuar a propaganda das ideias do comunismo científico entre os operários alemães, escreveu a Marx em 18 de setembro de 1846, sobre sua luta contra Grün, e esboçou o conteúdo das teorias absurdas deste, tal como segue: “Imagine, os proletários têm que adquirir ações com suas poupanças. Este dinheiro (evidente, não deve haver menos de entre 10 e 20 mil destes operários) se utilizará em um princípio para construir uma ou mais oficinas de uma ou várias indústrias, nas quais se contratará uma parte dos acionistas; e os produtos, em primeiro lugar, serão vendidos aos acionistas pelo preço da matéria prima somada a mão de obra (os acionistas assim não recebem os dividendos) e, em segundo lugar, possíveis excedentes serão vendidos de acordo com os preços do mercado mundial. A medida em que o capital da sociedade cresça – seja como resultado da inclusão de

novos membros ou por meio de novas poupanças dos antigos acionistas –, servirá para a construção de novas oficinas e fábricas, etc., até que *todos* os proprietários estejam envolvidos e *todas* as forças produtivas do país sejam compradas; desta maneira, o capital nas mãos da burguesia perderá sua capacidade de controlar a mão de obra e garantir o lucro!

Estes senhores têm em mente nem mais nem menos, pelo momento, comprar toda a França, e depois talvez todo o resto do mundo, mediante o uso das poupanças do proletariado, e mediante a renúncia aos lucros e aos interesses do seu capital. Alguma vez se criou tão esplendido plano? Não seria simples – se alguém está ansioso, de verdade, para fazer algo – cunhar moedas de cinco francos com a prata da luz da lua? E aqui operários ingênuos – tenho em mente os alemães – creem nestas bobagens. Esta gente que tem apenas seis centavos em seus bolsos para ir a um bar à noite, vai comprar “toda a bela França” com suas poupanças. Em comparação com estes tremendos especuladores, Rothschild e companhia são gananciosos mais contidos. Um pode acender o estopim! Este Grün estragou tanto os meninos que a frase mais absurda tem para eles mais significado que o fato óbvio apresentado como argumento. É uma lástima que alguém tenha ainda que se opor a semelhante e bárbara insensatez. Mas há que se ter paciência, não abandonarei estes meninos até que apague a Grün e limpe suas corrompidas cabeças”.

Em um círculo de estudo de carpinteiros, Engels elaborando seu ponto e o de Marx, definiu as intenções dos comunistas da seguinte forma: “1) Lograr os interesses do proletariado em oposição aos interesses da burguesia; 2) Realizar isto através da abolição da propriedade privada e sua substituição pela comunidade de bens; 3) Não reconhecer nenhum

meio para realizar estes objetivos que não seja uma revolução democrática pela força. [*Correspondência de Marx e Engels*]

Como resultado de uma acalorada discussão que durou várias noites sem descanso, todos os argumentos dos partidários de Grün foram despedaçados. Se tornou possível convencer aos operários sob influência das teorias de Grün, da correção dos pontos de vista de Marx e Engels.

Ao criticar energicamente as absurdas teorias reacionárias, tão perigosas para a luta de libertação da classe operária, Marx se deparou com o fato de que muitas das pessoas que se consideravam seus partidários lhe condenavam por ser tão severo. Eles trataram de persuadi-lo para que baixasse o tom de suas polemicas contra Grün e Kriege, contra os “socialistas verdadeiros”, contra Proudhon, etc. Por exemplo, Lüning, editor da revista socialista alemã *Westphalisches Dampfboot*, lhe escreveu sobre isto.

Marx se expressava asperamente sobre estes filisteus pequeno-burgueses que se imaginavam como revolucionários e socialistas. Havia muitos destes senhores entre os emigrados em Paris. Irritavam muito Marx com a forma em que o mantinha preocupado e com total incapacidade para compreender o sistema capitalista em seu conjunto. Estas pessoas seguiam sob a influência das noções burguesas e eram incapazes de compreender a necessidade de uma irreconciliável e impiedosa luta de classes pelos interesses do proletariado contra todas as defesas da possibilidade de reconciliação e de acordo com a burguesia. Marx escreveu a Georg Herwegh em 8 de agosto de 1847: “Só se pode desfazer-se de tais ignorantes sendo excepcionalmente duro com eles. O característico destes é tentar passar longe e açucarar toda autêntica luta partidária, e apresentar o velho costume alemão de brigas e

fofocas como uma atividade revolucionária. Criaturas miseráveis! Em todo caso, aqui, em Bruxelas, não há nada disto”.

Os acontecimentos que conduziram ao *Manifesto*

Os resultados do trabalho de propaganda realizado por Marx e Engels não tardaram em apresentar efeitos. No inverno de 1846-1847, Joseph Moll, um dos membros do Comitê Central da *Liga dos Justos*, foi delegado em Londres para visitar Marx em Bruxelas. Moll foi encarregado por seus camaradas para convidar Marx e Engels a unir-se a Liga, e transmitiu a solicitação a Marx para que, se ele e Engels estivessem de acordo com a união, participarem do próximo Congresso e exporem ali seus pontos de vista teóricos, de modo que pudessem ser publicados como o programa oficial da Liga.

Em vista da garantia de possibilidade de colaborar na reorganização da Liga e elaborar um programa teoricamente confiável, Marx e Engels decidiram unir-se a organização.

No Congresso da Liga, reunido no verão de 1847 em Londres (Marx não esteve presente; Engels e Wolff, sim), foi realizada a reorganização da Liga, aprovados seus estatutos, nos quais a tarefa da Liga foi definida da seguinte maneira: “a derrubada da burguesia, a dominação do proletariado, a destruição da velha sociedade burguesa baseada nos antagonismos de classe, e o estabelecimento de uma nova sociedade sem classes e sem propriedade privada”.

Depois de sua reorganização, a Liga modificou seu antigo nome, de *Liga dos Justos* passou a chamar-se então *Liga dos Comunistas*.

De acordo com os estatutos aprovados, a organização da Liga era totalmente democrática, fechando assim as portas para os esforços conspirativos. A organização básica da *Liga dos Comunistas* era a “comuna” (*gemeinde*), que consistia de

um mínimo de três pessoas e um máximo de doze. De duas a dez comunas constituíam um “círculo” (*kreis*). Os círculos de um país ou província individual estavam subordinados a direção de um “círculo dirigente” (*leitender kreis*). Os círculos dirigentes eram responsáveis ante o Comitê Central e, em última instância, o Congresso. A Liga, ainda sendo ilegal, se transformou em uma sociedade para a propagação das ideias do comunismo científico. Os estatutos aprovados no primeiro Congresso da *Liga dos Comunistas* foram, de acordo com a decisão deste, submetidos as comunas para sua discussão. Junto com o novo programa da Liga, iriam ser definitivamente aprovadas no próximo congresso.

Tanto os dirigentes da Liga como a maioria dos membros se convenceram gradualmente da correção dos pontos de vista de Marx e Engels, mas ainda estavam longe de ter uma completa clareza sobre uma série de questões teóricas.

Eis aqui, por exemplo, o tipo de problemas exposto em uma das cartas do Comitê Central de Londres da Liga, em fevereiro de 1847: “Pode introduzir-se de imediato a comunidade de bens, ou é necessário um período de transição para educar as pessoas? Quanto tempo durará este período de transição. Se pode se introduzir o comunismo de imediato em grande escala, ou se devem, primeiro, realizar pequenos experimentos? Se deve empregar a violência na introdução do comunismo, ou se pode realizar de forma pacífica a reorganização da sociedade?”

No período intermediário entre o primeiro e o segundo Congresso da *Liga dos Comunistas*, as organizações locais elaboraram propostas de um “símbolo de fé” (título dado a elaboração dos princípios básicos do programa). Estas propostas demonstraram que ainda havia bastante confusão nos pontos de vista dos membros da *Liga dos Comunistas*. Por

exemplo, no projeto da comissão de Londres, se definia os proletários como todos “os que não podem viver da renda do seu capital”. Daí se chegava a conclusão que “assim, não somente os operários, mas também os cientistas, os artistas e os pequeno-burgueses são proletários”.

Nas comunas da Liga em Paris se discutiu o projeto elaborado por Hess, que teve muito êxito. Segundo Engels, este projeto estava mergulhado em uma incrível confusão teórica. Em contraposição a este projeto elaborado por Hess, Engels esboçou as questões básicas do programa, em forma de perguntas e respostas.

Para assegurar a adoção de um programa teoricamente confiável, ainda tinha que ser feito um grande trabalho explicativo.

Este trabalho foi realizado por Marx no II Congresso da *Liga dos Comunistas*, realizado em Londres, no final de novembro e princípio de dezembro de 1847. A discussão sobre os problemas relacionados com o programa durou dez dias completos. Marx explicou tudo que estava sujeito a dúvidas; todas as discrepâncias foram superadas. O Congresso reconheceu, por unanimidade, como corretos os pontos de vista esboçados e defendidos por Marx. Se adotou a decisão de encarregar Marx e Engels da tarefa de redigir um manifesto, que seria publicado como o programa da *Liga dos Comunistas*.

O manuscrito do *Manifesto* foi enviado no final de janeiro de 1848, de Bruxelas a Londres, onde foi impresso e viu a luz do dia em fevereiro de 1848. Não muito antes dos dias de junho de 1848 apareceu em Paris a primeira tradução francesa do *Manifesto do Partido Comunista*.

O jovem Marx, que tinha 29 anos quando foi elaborado o *Manifesto*, se apresentou então totalmente armado com a

teoria que havia criado. Foi reconhecido como o líder do Partido Comunista, organização que era ilegal dada as condições existentes naquele momento. Marx se apresentou, oficial e publicamente, sob a bandeira da democracia revolucionária moderna e consequente, cujo núcleo é o proletariado.

Quanto aos pontos de vista do proletariado, o Manifesto do Partido Comunista estabeleceu o seguinte: “Os comunistas não dissimulam suas ideias e intenções. Declaram abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam ante a ideia de uma revolução comunista! Nela os proletários não têm nada a perder a não ser os seus grilhões. Têm um mundo a ganhar”. [Karl Marx, *Obras Escolhidas*, tomo 1]

Durante o período do segundo Congresso da *Liga dos Comunistas* em Londres, Marx não somente participou dos debates do Congresso, mas também das reuniões mais amplas. O jovem alfaiate alemão, Friedrich Lessner, nesse momento, já membro da Liga, ainda que não tenha assistido às sessões do Congresso dado que não era delegado, escutou os discursos de Marx nas reuniões, o viu no intervalo entre as sessões e deu a seguinte descrição de sua participação e a impressão criada por seus discursos e os pontos de vista difundidos por ele: “Marx era um homem jovem nesse momento, tinha cerca de 28 anos de idade; apesar disto, exerceu uma forte impressão em todos nós. Marx era de estatura mediana, ombros largos e cheio de energia. Tinha fronte esplêndida e alta, o cabelo negro como o carvão e um olhar penetrante; tinha um sorriso sarcástico que se desenhava em sua boca, inspirando terror em seus oponentes. Falava de forma breve e concisa, não empregava palavras supérfluas; cada frase sua estava cheia de pensamento, e cada pensamento era

uma ligação necessária em seu argumento. A lógica do seu discurso era excepcionalmente convincente, não havia nada de fantasioso nele. Quanto mais aprendia a entender a diferença entre o comunismo de Weitling e o comunismo do *Manifesto do Partido Comunista*, mais claro era para mim que Marx era o representante das ideias socialistas maduras”.

III. O MANIFESTO

O *Manifesto do Partido Comunista* tem quatro partes.

O primeiro capítulo, intitulado “Burgueses e Proletários”, oferece uma breve explicação do desenvolvimento histórico da sociedade europeia; delineia a origem do desenvolvimento da burguesia; trata sobre o papel desempenhado por esta na história, sobre as contradições surgidas no seio da sociedade burguesa, que como resultado destas está condenada inevitavelmente à ruína; examina a história do desenvolvimento do proletariado; proporciona uma caracterização da posição deste na sociedade burguesa; traça um quadro de sua transformação em classe; e revela a natureza revolucionária do proletariado como o “coveiro” da burguesia.

A burguesia experimentou um longo processo de desenvolvimento e “desempenhou, no transcurso da história, um papel verdadeiramente revolucionário”. Demonstrou o que se pode criar com a ação humana. “A burguesia produziu maravilhas muito maiores que as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos e as catedrais góticas...”.

A burguesia, após ter emergido da opressão, do fardo dos impostos e da privação de direitos na sociedade feudal, alcançou no curso de uma longa luta, “até que, por último... conquistou a hegemonia política e criou o moderno Estado representativo”, e criou um mundo a sua imagem e semelhança, o mundo burguês em que tudo se compra e se vende,

onde inclusive a dignidade e a honra pessoal se transformam em “valor de troca”, onde “o frio interesse e o insensível pagamento à vista” reinam.

Sob a dominação da burguesia, as forças produtivas da sociedade alcançaram rapidamente um enorme desenvolvimento. Porém, estas novas forças produtivas, criadas sob a direção da burguesia, ultrapassaram os estreitos limites da sociedade burguesa. A ordem burguesa se converteu em freio para o desenvolvimento de poderosas forças produtivas sociais, o representante das quais é a nova classe revolucionária, o proletariado, que se desenvolveu e cresceu junto a burguesia e foi criada pela indústria mecanizada em grande escala.

Na sociedade burguesa, o proletariado está escravizado pela classe burguesa, em cujas mãos se concentram todos os meios de produção. Para viver, os proletários se veem obrigados a vender sua força de trabalho. Em troca do seu árduo e pouco atrativo trabalho, pelo duro trabalho que se realiza na fábrica capitalista, o operário somente recebe os meios mínimos de subsistência necessários para a reprodução da força de trabalho.

Com o desenvolvimento da indústria se produz um aumento na produtividade do trabalho e as mercadorias se tornam mais baratas. Assim sendo, a mercadoria do operário, sua força de trabalho, também barateiam. “Quanto mais repugnante é o trabalho, tanto mais diminui o salário pago ao operário”.

Com o progresso da indústria, as condições dos operários pioram. O incremento da riqueza no capitalismo, inevitavelmente, traz consigo aumento da pobreza proletária.

Marx jogou luz sobre o caminho seguido pelo proletariado no transcurso do seu desenvolvimento. No princípio, se dissemina por todo o país, e se divide pela concorrência das

massas. Nesta etapa, a burguesia exerce um domínio único sobre os operários e é sua direção política.

Mas com o crescimento do proletariado, também cresce sua solidariedade e o reconhecimento de sua força. A burguesia industrial, em sua luta contra seus inimigos – a aristocracia e os setores da burguesia cujos interesses são afetados pelo desenvolvimento da indústria, e a burguesia dos países estrangeiros –, se vê obrigada a apelar a ajuda do proletariado. A própria burguesia empurra o proletariado em direção do caminho do movimento político. A experiência política do proletariado amadurece.

Estas condições do proletariado na sociedade burguesa fazem com que seja a classe mais revolucionária. Todas as demais classes da sociedade estão arruinadas e declinam com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, todavia, é produto da mesma grande indústria.

Marx demonstra com a guerra civil, que se desenvolve ininterruptamente no seio da sociedade burguesa, alcançou tal nível de agudização que desencadeia uma revolução aberta e franca, e o proletariado, “derrubando violentamente a burguesia, assenta as bases do seu poder”.

O segundo capítulo, “Proletários e Comunistas”, fala do papel do Partido Comunista, do fato de que este último está indissolúvelmente ligado com a classe operário e seu destacamento de vanguarda.

Na luta dos proletários de diversas nações, os comunistas “destacam e reivindicam sempre, em todas e cada uma das ações, os interesses comuns e peculiares de todo o proletariado, independentemente de sua nacionalidade”; no curso da luta do proletariado contra a burguesia, em suas diversas etapas, os comunistas “mantém sempre o interesse do movimento focado em seu conjunto”; o comunismo científico

exige um estudo e uma compreensão profundas da “linha de conduta, as condições e os resultados gerais do movimento proletário”.

Além disso, neste capítulo faz um exame detalhado e uma exposição da mentira e hipocrisia dos defensores da sociedade burguesa, que acusam os comunistas de querer destruir as bases desta sociedade, a liberdade, a família, a cultura, a educação e a nacionalidade. Marx demonstra que somente a destruição da propriedade burguesa pode garantir a propriedade pessoal de todos os trabalhadores, e que somente a demolição da ordem burguesa, da exploração da burguesia, criará as condições para o desenvolvimento de uma sociedade humana mais culta.

Ao final do capítulo enumeram as medidas revolucionárias que o proletariado tem por realizar ao tomar o poder em suas mãos.

Em 1872, no prefácio à edição alemã do *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels assinalaram que a correção dos princípios básicos do *Manifesto* havia sido plenamente confirmada pelo curso do desenvolvimento histórico, mas a aplicação prática destes princípios básicos sempre dependerá das condições históricas existentes.

No terceiro capítulo, se faz a análise crítica das distintas formas de socialismo existentes:

1. O socialismo reacionário: (a) feudal, (b) pequeno-burguês, (c) alemão ou “verdadeiro.
2. O socialismo conservador ou burguês, do qual, segundo Marx, Proudhon era representante;
3. O socialismo e o comunismo crítico-utópico, que em muitos aspectos havia realizado brilhante crítica da ordem burguesa.

Finalmente, no quarto capítulo se aborda a tática do Partido Comunista, que apoia todo movimento dirigido contra o sistema capitalista.

No *Manifesto do Partido Comunista*, “Marx e Engels traçaram as linhas gerais do Partido como vanguarda do proletariado, sem o qual [o Partido] o proletariado não pode conquistar sua emancipação, seja no sentido de tomar o poder ou de reconstruir a sociedade capitalista. Lenin desenvolveu estes contornos ainda mais e os aplicou às novas condições da luta no período do imperialismo”. [J. V. Stalin]

IV. IMPORTÂNCIA SOCIAL E SIGNIFICADO ATUAL

O destino do *Manifesto* esteve estreitamente vinculado com o do movimento operário. Em junho de 1848, a classe operária entrou em ação em Paris, não encontrou apoio entre as massas da pequena burguesia e do campesinato, e sofreu uma derrota. Depois da derrota de 1848-1849, a reação triunfou na Europa. Durante um tempo, o movimento operário “desapareceu da cena pública”, junto com ele, “o *Manifesto* também passou a segundo plano”. [Engels]

Nesse momento, o capitalismo ainda tinha pela frente um amplo campo de desenvolvimento. As relações capitalistas somente haviam alcançado pleno desenvolvimento na Europa Ocidental, sobretudo na Inglaterra e França. Na Alemanha, o desenvolvimento do capitalismo estava dando somente seus primeiros passos. Existiam enormes extensões de território, enormes continentes (América, África, Austrália e Ásia, em grau considerável) cujas terras virgens haviam sido pouco tocadas pelo capital. No leste da Europa, na Rússia, o desenvolvimento do capitalismo apenas havia começado. Na própria Europa, o capitalismo industrial progressista ocupava

uma posição dominante, e ainda assim tinha pela frente uma curva de desenvolvimento ascendente.

Quando a classe operária se recuperou da derrota e acumulou novas forças para a luta contra as classes dominantes, foi criada em 1864 a Associação Internacional dos Trabalhadores, a Primeira Internacional.

Durante os nove anos da existência da Primeira Internacional, as classes operárias foram capazes de convencer-se sobre a base de sua própria experiência que somente se poderia obter a vitória mediante a luta de classes e conquistando o poder e estabelecendo a ditadura do proletariado, como apontava Marx. Isso ficou especialmente claro com a experiência da Comuna de Paris, a primeira forma de ditadura do proletariado estabelecida na história. Sobre a base desta experiência, Marx e Engels desenvolveram ainda mais suas teorias sobre a revolução proletária e a luta pela construção da sociedade comunista.

No final do século XIX, a teoria de Marx recebeu o reconhecimento geral nas fileiras da classe operária europeia. Em 1890, Engels tinha razão ao declarar que o *Manifesto* havia se convertido no “produto mais internacional e de maior difusão de toda a literatura socialista, o programa comum dos muitos milhões de operários de todos os países, da Sibéria até a Califórnia”. [Karl Marx, *Obras Escolhidas*, tomo 1]

Imediatamente após a publicação da edição alemã, o *Manifesto* foi traduzido para vários idiomas. Logo surgiram traduções para o francês, polonês e dinamarquês. Em 1850, apareceu em Londres uma tradução para o inglês. Em 1871, ao menos três traduções para o inglês do *Manifesto* apareceram nos Estados Unidos. A melhor tradução para o inglês data de 1888. Esta tradução foi feita por Samuel Moore e editada por Engels.

A primeira tradução para o russo surgiu em 1863 (feita por Bakunin); foi impressa na imprensa Kolokol. Em 1882, foi publicada nova tradução ao russo, obra de Plekhanov. Marx e Engels escreveram um prefácio especial para esta edição.

Em 1892, surgiu uma segunda edição polonesa, para a qual Engels escreveu um prefácio datada de 10 de fevereiro de 1892. No ano seguinte, foi publicada uma edição italiana, também com um prefácio de Engels, escrito especialmente para esta edição.

A partir dos anos 70 do século XIX e o princípio do século XX, o Manifesto do Partido Comunista foi traduzido para uma série de idiomas – português, espanhol, romeno, hebraico, ucraniano, japonês, finlandês, chinês e outros.

Até hoje [1938], foram publicadas mais de uma centena de edições do Manifesto em língua russa.

O número total de exemplares do *Manifesto do Partido Comunista* que aparecem nos diferentes idiomas, durante os últimos noventa anos, se aproxima dos milhões.

• • •

Marx previu um grande panorama de batalhas que viriam para a classe operária, apontou claramente o objetivo e as tarefas que deveriam cumprir o proletariado e o ensinou que lhe esperava uma longa e difícil luta. “Ante vocês – disse Marx – há 15, 20, 50 anos de guerras civis e guerras entre povos, não somente com o fim de modificar as relações existentes, mas também com o fim de que modifiquem vocês mesmos e estejam aptos para a dominação política”.

No período histórico em que viveu Marx, as condições para a vitória do proletariado ainda não haviam amadurecido completamente. A época do imperialismo e das revoluções

proletárias surgiu após as mortes de Marx e Engels. A vitória decisiva foi obtida pelo proletariado somente nesta nova época histórica. Em 7 de novembro de 1917, na Rússia se viu o início da grande revolução socialista vitoriosa. O triunfo das ideias do *Manifesto do Partido Comunista* foi assegurado pelos brilhantes continuadores da causa de Marx e Engels – Lenin e Stalin, e o Partido Bolchevique dirigido por eles.

Na Constituição de Stalin adotada em 5 de dezembro de 1936, está registrado tudo o que havia sido conquistado pelos operários industriais e pelos trabalhadores em geral da URSS, como resultado da revolução proletária triunfante. Na URSS se deu vida ao sistema socialista, se cumpriu as tarefas estabelecidas no *Manifesto*.

Stalin em seu discurso sobre o projeto de Constituição, em 25 de novembro de 1936, deu uma caracterização detalhada dos êxitos alcançados pelo povo trabalhador sob o poder soviético: todas as classes exploradoras foram liquidadas; a terra e os meios de produção foram transformados em propriedade pública; o melhor da classe operária foi posto a cargo das empresas. Em todas as esferas da economia nacional da URSS, na indústria, na agricultura, no comércio, o sistema socialista obteve uma vitória completa.

Na sociedade soviética os antagonismos de classe foram destruídos, o poder está nas mãos de duas classes amigas, os operários e os camponeses, enquanto que a direção estatal da sociedade (a ditadura) pertence a classe operária, como a classe mais avançada.

Consagrados na Constituição estão o caráter internacional da sociedade soviética, e a democracia consequente, integral e desenvolvida, que não somente proclama os direitos dos cidadãos, mas que também garante o exercício destes direitos na prática.

Na URSS se construiu, no fundamental, o socialismo, a primeira fase do comunismo. Está em funcionamento o lema “de cada qual segundo sua capacidade, a cada qual segundo seu trabalho”. Mas a fase superior do comunismo, na qual prevalecerá o lema “de qual segundo sua capacidade, a cada qual segundo suas necessidades”, ainda não existe. A direção do Partido de Lenin e Stalin garante nosso avanço até a construção do comunismo completo.

Nas 9 décadas que se passaram desde que o *Manifesto* viu a luz do dia, se produziu uma mudança fundamental na situação histórica e nas condições da luta pelo comunismo. Nos dias em que o *Manifesto* foi escrito, o Partido Comunista era um pequeno grupo ilegal, comparativamente um pequeno destacamento do comunismo científico. No início do Manifesto se fala de “fantasma do comunismo”, do ameaçador e então distante presságio da revolução proletária vindoura.

Passaram-se 20 anos desde que a vitória da grande Revolução de Outubro trouxe consigo uma mudança fundamental na história da humanidade. Os operários industriais e o povo trabalhador da URSS demonstraram ao mundo inteiro que o comunismo de Marx e Engels, de Lenin e Stalin, não é um fantasma, mas uma realidade. A primeira etapa do comunismo, o socialismo, é uma realidade do mais tangível, presente na vida cotidiana de 170 milhões de pessoas que habitam o enorme território da União Soviética.

A rivalidade entre os dois sistemas econômicos, o capitalista e o socialista, demonstra cada vez mais aos trabalhadores de todos os países a completa decadência do sistema de economia capitalista e a superioridade do sistema soviético, socialista. O capitalismo só pode oferecer ao povo de todo o mundo, a escravidão, a pobreza, as atrocidades do fas-

cismo, os horrores da guerra. O estabelecimento do socialismo na URSS, demonstrou que a ditadura do proletariado, a democracia proletária socialista, garante aos trabalhadores de todas as nações uma vida feliz, a abolição da escravidão, da pobreza e da exploração, e abre uma nova época no desenvolvimento da humanidade.

V. Adoratsky, "A História do 'Manifesto do Partido Comunista' de Marx e Engels", International Publishers, New York, 1938.

**MANIFESTO DO
PARTIDO COMUNISTA**

Um espectro ronda a Europa: é o fantasma do Comunismo. Contra ele se conjuraram em uma santa aliança todas as potências da velha Europa, o Papa e o Czar, Metternich⁴ e Guizot⁵, os radicais franceses e os policiais alemães.

Não há um partido de oposição sequer a quem os adversários governantes não tenham o acusado de comunista, tampouco um partido de oposição sequer que não tenham lançado como resposta, seja contra os oposicionistas mais progressistas ou aos inimigos reacionários, a acusação do estigma do comunismo.

Deste fato se retira duas consequências:

A primeira é que o comunismo já é reconhecido como uma força por todas as potências europeias.

A segunda é que já está na hora dos comunistas expressarem à luz do dia e ao mundo inteiro suas ideias, suas tendências e suas aspirações, para assim contrapor a lenda fantasmagórica comunista com um manifesto do seu partido.

Para este propósito, se reuniram em Londres os representantes comunistas de diferentes países e redigiram o seguinte manifesto, a ser publicado em inglês, francês, alemão, italiano, flamenco e dinamarquês.

4. *Klemens Metternich (1773-1859)*: estadista austríaco; ministro dos Negócios Estrangeiros entre 1809 e 1821, e Chanceler de 1821 a 1848, um dos organizadores da *Santa Aliança*, acordo entre as monarquias reacionárias da Rússia, Áustria e Prússia, para combater movimentos revolucionários.

5. *François Guizot (1787-1874)*: Historiador e estadista francês. Suas obras tem o mérito das primeiras tentativas de explicar a história a partir do ponto de vista da luta de classes, interpretada, no entanto, a partir de posições burguesas. Foi Primeiro Ministro entre 1840 e 1848.

I. Burgueses e Proletários⁶

Toda a história da sociedade humana, até os dias atuais⁷, é a história da luta de classes.

[Homens] livres e escravos, patrícios e plebeus, barão e servos, mestre da corporação⁸ e oficial; em uma palavra, oprimidos e oprimidos estiveram em constante oposição uns aos outros, em uma luta ininterrupta, algumas vezes de forma velada, e outras de forma aberta e franca, em uma luta que conduziu em cada etapa a transformação revolucionária de todo o regime social existente ou ao extermínio das duas classes em conflito.

Nos tempos históricos anteriores encontramos por toda parte uma articulação em uma série de Estados, dentro dos quais reina, por sua vez, uma nova hierarquia social de graus e posições. Na Roma Antiga temos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média: senhores feudais, vassalos,

6. Por burguesia entende-se a classe dos Capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção e empregadores de trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos trabalhadores assalariados, os quais, não tendo meios próprios de produção, estão reduzidos a vender a sua força de trabalho para sobreviver. **[Nota de Engels à edição inglesa de 1888]**

7. Isto é, toda a história *escrita*. Em 1847, a pré-história da sociedade, a organização social existente antes da história registada, era praticamente desconhecida. Desde então, Haxthausen descobriu a propriedade comum da terra na Rússia, Maurer provou que ela é o fundamento social de que partiram todas as raças teutônicas da história, e gradativamente verificou-se que as comunidades aldeãs são ou foram a forma primitiva de sociedade, da Índia à Irlanda. A organização interna desta primitiva sociedade foi desvelada, em sua forma típica, pela descoberta de Morgan sobre a verdadeira natureza da *gens* e da sua relação com a *tribo*. Com a dissolução destas comunidades a sociedade começou a distinguir-se em classes separadas e, posteriormente, antagônicas. Procurei reconstituir este processo de dissolução em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. **[Nota de Engels à edição inglesa de 1888]**

8. *Guild-master*: membro pleno de uma corporação, mestre dentro de uma corporação, e não o seu presidente **[Nota de Engels à edição inglesa de 1888]**

burgueses de corporação, oficiais, servos; e dentro de cada uma dessas classes, encontramos novas divisões particulares.

A moderna sociedade burguesa, que se levantou sobre as ruínas da sociedade feudal não aboliu os antagonismos de classes. O que fez foi criar novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta, que substituem as antigas.

Nossa época, a época da burguesia, se caracteriza, contudo, por ter simplificado estes antagonismos de classe. Hoje, toda a sociedade tende a cindir-se, cada vez mais abertamente, em dois grandes campos opostos, em duas classes que se confrontam: a *burguesia* e o *proletariado*.

Dos servos da gleba da Idade Média surgiram os *Pfahlbürger*⁹ das primeiras cidades; e estes foram os germes de onde brotaram os primeiros elementos da burguesia.

A descoberta da América e a circunavegação da África abriram novos horizontes e imprimiram um novo impulso à burguesia. O mercado da China e das Índias Orientais, a colonização da América, o intercâmbio com as colônias, a multiplicação dos meios de troca e das mercadorias em geral, proporcionaram ao comércio, à navegação, à indústria, um impulso nunca antes conhecido e, como consequência, um rápido desenvolvimento do elemento revolucionário no seio da sociedade feudal em decomposição.

O regime feudal ou o corporativo da indústria então existentes não eram mais capazes de atender a demanda que se ampliava com os novos mercados. Substitui-os a manufatura. Os mestres de corporação foram trocados pela classe

9. Na Idade Média, no Norte e Leste da Europa, esta denominação era utilizada para os moradores de um espaço compreendido entre os muros do castelo e a paliçada que o cercava. De forma geral, eram mercadores. Mediante o pagamento de imposto e obrigações de participação na defesa, recebiam proteção da cidade.

média industrial; a divisão do trabalho entre as diversas corporações desapareceu frente a divisão do trabalho dentro de cada oficina.

Contudo, os mercados continuavam a crescer, e as necessidades cresciam, cada vez mais. Já não bastava apenas a manufatura. O valor e a maquinaria então revolucionaram a produção indústria. A manufatura deu lugar a grande indústria moderna; para o posto da classe média industrial surgiram os milionários da indústria, os chefes de exércitos industriais inteiros, os modernos burgueses.

A grande indústria criou o mercado mundial, que a descoberta da América havia preparado. O mercado mundial propiciou ao comércio, à navegação, às comunicações por terra, um desenvolvimento gigantesco. Este, por sua vez, retroalimentou a indústria, e na mesma proporção que a indústria, o comércio, a navegação, as ferrovias se ampliaram, desenvolveu-se a burguesia, ampliando os seus capitais, e assim empurrava todas as demais classes oriundas da Idade Média para o ocaso.

Vemos, portanto, como a burguesia moderna é, como foram as outras classes, cada uma em seu tempo respectivo, produto de um longo processo histórico, fruto de uma série de transformações radicais no modo de produção.

Cada etapa do desenvolvimento da burguesia foi acompanhada por um correspondente progresso político. Classe oprimida sob o mando dos senhores feudais, a burguesia forma uma associação armada e administrada em “comunas”; em outros lugares em cidade-república independente; em outros ainda forma o Terceiro Estado tributário das monarquias; na época das manufaturas é o contrapeso da nobreza dentro da monarquia feudal ou absolutista e o fundamento das gran-

des monarquias em geral, até que por último, desde o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, a burguesia conquistou finalmente a hegemonia política e criou o moderno Estado representativo. Hoje, o Estado veio a ser, pura e simplesmente, uma comissão que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa.

A burguesia desempenhou, no transcurso da história, um papel altamente revolucionário.

Onde quer que tenha se instaurado como dominante, destruiu todas as relações feudais, patriarcais idílicas. Rasgou impiedosamente todos os diversos laços feudais que prendiam o homem a seus superiores naturais e não deixou entre os homens nenhum outro vínculo senão o do interesse mesquinho, o do insensível “pagamento a vista”. Afogou o santo temor a Deus, a devoção mística e pia, o ardor cavalheiresco, a melancolia pequeno-burguesa, na água gelada do cálculo egoísta. Enterrou a dignidade pessoal sob o dinheiro e reduziu todas aquelas inumeráveis liberdades adquiridas à liberdade única: a inescrupulosa liberdade de comércio. Em uma palavra, no lugar da exploração velada, encoberta por ilusões políticas e religiosas, impôs a exploração franca, descarada e direta.

A burguesia despiu de sua aparência sagrada todas as atividades que até então eram vistas com reverência. Converteu o médico, o jurista, o poeta, o sacerdote, o homem da ciência em servos assalariados. A burguesia retirou os véus emotivos e sentimentais que envolviam a família e a reduziu a uma pura relação econômica.

A burguesia veio a demonstrar como o alarde a exteriorização da força brutal que a reação tanto admira na Idade Média, encontrava na inércia indolente o seu complemento adequado. Foi a primeira a demonstrar o que a atividade dos

homens pode conseguir. Realizou maravilhas muito maiores do que as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos e as catedrais góticas; empreendeu expedições mais grandiosas que as antigas migrações de povos e as cruzadas¹⁰.

A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, portanto, as relações de produção e as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, pelo contrário, uma condição fundamental para a manutenção da existência das classes sociais dominantes anteriores. A época da burguesia caracteriza-se e se distingue das demais pelo constante e movimentado desenvolvimento da produção, pelo ininterrupto abalo de todas as relações sociais, por incerteza e dinâmica permanente. As relações fixas e enferrujadas do passado, com seu conjunto de ideias e crenças velhas e veneráveis são dissolvidas, todas as novas relações se tornam antiquadas antes mesmo de criar raízes. Tudo o que era sólido estável se desmancha no ar, o santo é profanado e, por fim, os homens são obrigados pela força das coisas, a encarar com seus próprios olhos sua posição social e as relações com demais homens.

A necessidade de encontrar mercados para escoar suas mercadorias impele a burguesia a se estender por todo o globo. Precisa se instalar por todas as partes, construir e estabelecer vínculos por todas as partes.

A burguesia, ao explorar o mercado mundial, imprime um selo cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. Para o lamento dos reacionários, tirou a indústria do

10. Foi um movimento militar de colonização na direção do Oriente, promovido pelos grandes senhores feudais da Europa Ocidental, pelos cavaleiros e pelas cidades comerciais italianas nos séculos XI-XIII, sob a bandeira religiosa da libertação dos santuários cristãos em Jerusalém e outros locais “santos”, que estavam sob domínio muçulmanos. Os ideólogos e inspiradores das cruzadas foram a Igreja católica e o papado; a principal força militar foram os cavaleiros.

seu solo nacional. As antiquíssimas indústrias nacionais foram aniquiladas, trocadas por novas indústrias, cuja instalação se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas – tais indústrias que não mais transformam somente matérias-primas nativas, mas também as oriundas dos locais mais longínquos, e cujas mercadorias são consumidas não somente no próprio país como simultaneamente em todas as partes do mundo. Surgem novas necessidades que não são podem ser satisfeitas, como anteriormente, pela produção do país, mas que exigem produtos de lugares e climas mais distantes. A autossuficiência de outrora, quando o mercado local e nacional se isolava em si mesmo, é substituída por uma rede de comércio universal, unindo por vínculos que criam uma dependência entre as nações. E o que acontece com a produção material também acontece com a produção do espírito. Os produtos espirituais das diferentes nações tornam-se um acervo comum. As limitações e estreiteza nacionais passam a ser secundárias, e as literaturas nacionais confluem em uma literatura universal.

A burguesia, com o rápido aperfeiçoamento de todos os meios de produção, com as incríveis facilidades de sua rede de comunicações, leva a civilização até as nações mais selvagens. O baixo preço de suas mercadorias é a artilharia pesada com a qual derruba todas as muralhas da China, com a que obriga a capitular as tribos barbas mais agressivas em seu ódio contra o estrangeiro. Obriga a todas as nações a abraçar o regime de produção burguês ou perecer; as obriga a implantar em seu seio a chamada civilização, ou seja, fazer-se burguesas. Cria um mundo à sua imagem e semelhança.

A burguesia submete o campo à dominação da cidade. Cria cidades enormes, amplia a população urbana em uma proporção maior do que a camponesa e arranca uma parte

significativa da população [*Idiotismus*] da vida rural. E do mesmo modo que submete o campo à cidade, submete os povos bárbaros e semibárbaros às nações civilizadas, os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente.

A burguesia suprime, cada vez mais, a dispersão dos meios de produção, da propriedade e dos habitantes do país. Aglomera a população, centraliza os meios de produção e concentra em poucas mãos a propriedade. Este processo conduz necessariamente à centralização política. Territórios ainda independentes, somente aliados, com interesses, leis, governos e direitos alfandegários distintos, se unem em uma nação, em um governo, uma lei, um interesse nacional de classe, uma linha aduaneira.

No curto século de sua dominação como classe, a burguesia desenvolveu forças produtivas mais grandiosas e colossais que todas as gerações passadas juntas. Basta refletir acerca da subjugação das forças da natureza pelas mãos do homem: a maquinaria, a aplicação da química à indústria e a agricultura, a navegação a vapor, as ferrovias, o telegrafo elétrico, o arar de continentes inteiros, os novos povos que parecem brotar da terra... quem nos séculos anteriores poderia suspeitar que tais potenciais produtivos estavam adormecidos no trabalho social?

Vimos que os meios de produção e de transporte sobre os quais se desenvolveu a burguesia brotaram no seio da sociedade feudal. Quando estes meios de transporte e de produção alcançaram uma determinada fase em seu desenvolvimento, resultou que as condições nas quais a sociedade feudal produzia e comerciava, a organização feudal da agricultura e da manufatura, em uma palavra, o regime feudal da propriedade, já não correspondia ao estado progressivo das

forças produtivas. Obstruíam a produção ao invés de fomentá-la. Se converteram em travas para o desenvolvimento. Era necessária rompê-las, e isto foi feito.

Ocupou o seu posto a livre concorrência, com a constituição política e social adequada a esta, na qual se revelava a hegemonia econômica e política da classe burguesa.

Diante de nossos olhos agora se processa um movimento semelhante. As relações burguesas de produção e de troca, o regime burguês da propriedade, a moderna sociedade burguesa, que fez brotar quase que por encanto tão fabulosos meios de produção e de transporte, lembra o bruxo que já não consegue dominar os espíritos subterrâneos que conjurou.

Há várias décadas, a história da indústria e do comércio não são senão a história da rebelião das modernas forças produtivas contra as modernas relações de produção, contra o regime de propriedade, onde residem as condições de vida e de predomínio político da burguesia. Basta mencionar as crises comerciais, cuja recorrência supõe um perigo cada vez maior para a existência de toda a sociedade burguesa. As crises comerciais, além de destruir uma grande parte dos produtos fabricados, aniquilam uma parte considerável das forças produtivas existentes. Nessas crises irrompe uma epidemia social que pareceria inconcebível para todas as épocas anteriores: a epidemia da superprodução. A sociedade se vê transportada repentinamente a um estado de barbárie momentânea; se diria que fora espoliada pela fome ou por uma grande guerra de aniquilação, deixada sem recursos para subsistência; a indústria e o comércio ficam a ponto de perecer. E tudo por quê? Porque a sociedade possui demasiada civilização, demasiados recursos, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas que se dispõe já não servem

para fomentar o regime burguês da propriedade; pelo contrário, tornaram-se poderosas demais para servir a este regime, que tolhe seu desenvolvimento. E assim que conseguem vencer a este obstáculo, semeiam a desordem na sociedade burguesa, ameaçam a existência da propriedade burguesa. As relações sociais burguesas tornaram-se demasiado estreitas para abarcar a riqueza engendrada por elas. E como a burguesia supera a crise? De duas maneiras: destruindo violentamente uma grande massa de forças produtivas e conquistando novos mercados, e explorando mais profundamente os antigos mercados. Ou seja, remedia uma crise preparando outras, mais extensas e potentes, e diminui os meios que dispõe para preveni-las.

As armas com que a burguesia derrubou o feudalismo agora se voltam contra a própria burguesia.

Mas a burguesia não somente forjou as armas que lhe trarão a morte; também gerou os homens que manejarão estas mesmas armas: estes são os operários modernos, os *proletários*.

Na mesma medida em que a burguesia se desenvolve – isto é, o capital – desenvolve-se também o proletariado, esta classe operária moderna que somente pode sobreviver encontrando trabalho e que somente encontra trabalho na medida em que este amplia a reprodução de capital. O operário, obrigado a vender-se em peça, é uma mercadoria como qualquer outra, sujeito, portanto, a todas as trocas e modalidades da concorrência, a todas as flutuações do mercado.

A extensão da maquinaria e da divisão do trabalho retira do operário, no regime atual, todo caráter autônomo, todo atrativo de sua atividade. O trabalhador se converte em um simples apêndice da máquina, do qual somente se exige uma operação mecânica, monótona, de fácil aprendizagem.

Por isso, os custos de manutenção do operário se reduzem ao mínimo necessário para garantir sua subsistência e a reprodução de sua raça. O preço de uma mercadoria, portanto, também do trabalho¹¹, é igual aos seus custos de produção. Quanto mais aumenta a repugnância pelo trabalho, tanto mais diminui o salário pago ao operário. Mais ainda: quanto mais aumente a maquinaria e a divisão do trabalho, se amplia a carga de trabalho, seja pelo alargamento da jornada, por intensificação do rendimento exigido, aceleração do funcionamento das máquinas, etc.

A indústria moderna transformou a pequena oficial do mestre patriarcal na grande fábrica do capitalista industrial. As massas de operários concentrada nas fábricas são submetidas a uma organização e disciplina militar. Os operários, soldados rasos da indústria, trabalham sob o comando de uma hierarquia de sargentos, oficiais e chefes. Não são somente servos da burguesia e do Estado burguês, mas estão todos os dias e todas as horas sob o jugo escravizador da máquina, do contramestre e, sobretudo, do industrial burguês dono da fábrica. Este despotismo é tão mais mesquinho, mais execrável, mas indigno, quanto maior é a franqueza com que proclama que não tem outro objetivo que senão o lucro.

Quanto menor for a habilidade e a força exigida pelo trabalho manual, ou seja, quanto maior é o desenvolvimento alcançado pela indústria moderna, também é maior a proporção em que o trabalho da mulher e da criança substitui o do homem. Socialmente, já não vigoram para a classe operária

11. Em trabalhos posteriores, Marx e Engels passaram a utilizar no lugar de expressões como “valor do trabalho” e “preço do trabalho”, termos mais precisos como “valor da força de trabalho” e “preço da força de trabalho”, desenvolvidos por Marx.

as diferenças de idade e de sexo. São todos, homens, mulheres e crianças, meros instrumentos de trabalho, distintos apenas pelo seu custo.

Se a exploração do operário pelo industrial se encerra na medida em que recebe o seu salário, em seguida recaem sobre ele outros representantes da burguesia: o senhorio, o merceeiro, o agiota, etc.

Toda uma série de elementos que pertenciam à classe média, pequenos industriais, comerciantes e rentistas, artesãos e camponeses, são absorvidos pelo proletariado; unos, porque seu pequeno capital não é suficiente ante as exigências da grande indústria e sucumbem à concorrência dos grandes capitalistas, em parte porque sua habilidade é desvalorizada diante dos novos progressos da produção. Todas as classes sociais contribuem, assim, para alimentar as fileiras do proletariado.

O proletariado atravessa diversas etapas em seu desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia se dá a partir do instante de sua existência.

No princípio, são operários isolados; logo, os de uma fábrica; os de todo um ramo do trabalho, que enfrentam, em uma localidade, o burguês que pessoalmente o explora. Seus ataques não vão somente contra o regime burguês de produção, mas também contra os próprios instrumentos da produção; os operários, sublevados, destroem as mercadorias que lhe fazem concorrência, destroem as máquinas, incendeiam as fábricas, tentam retomar a posição, já desaparecido, do operário medieval. Em tal estágio, os operários formam uma massa disseminada por todo o país e desunida pela concorrência. As concentrações das massas de operários não são fruto de sua própria união, mas fruto da união da burguesia,

que para alcançar seus fins políticos necessita botar em movimento – o que consegue executar até agora – todo o proletariado. Nesta etapa, os proletários não combatem contra seus inimigos, mas contra os inimigos dos seus inimigos, contra os vestígios da monarquia absolutista, os grandes senhores de terra, os burgueses não industriais, os pequenos burgueses. A marcha da história está concentrada nas mãos da burguesia, e cada vitória alcançada é, pois, um triunfo da classe burguesa.

Contudo, o desenvolvimento da indústria não somente alimenta as fileiras do proletariado, mas a amplia; suas forças crescem, como também sua consciência desta. E na medida em que a maquinaria apaga as diferenças e categorias no trabalho e reduz os salários em quase todas as partes a um nível baixíssimo e uniforme, nivela-se também os interesses e as condições de vida no seio do proletariado. A concorrência crescente entre os burgueses e as crises comerciais que decorrem daí tornam cada vez mais oscilante o salário do operário; os progressos incessantes e cada dia mais velozes da maquinaria aumentam gradualmente a insegurança de sua condição de vida; os conflitos entre operários e burgueses isolados tomam cada vez mais o caráter de conflitos entre duas classes. Os operários começam a coligar-se contra os burgueses, se associam e se unem para a defesa dos seus salários. Criam organizações permanentes para se preparar para possíveis batalhas. Daí irrompem revoltas e sublevações.

Os operários alcançam um triunfo ou outro, mas sempre de forma transitória. O verdadeiro objetivo destas lutas não é conseguir resultado imediato, mas consolidar a união operária. Contribuí para tal, o avanço dos meios de comunicação criado pela grande indústria, que servem para pôr em contato os operários de diversas regiões e localidades. Graças

a este contato, as múltiplas ações locais, que em todas as partes apresentavam um caráter idêntico, ser convertem em um movimento nacional, em uma luta de classes. E toda luta de classes é uma ação política. E a união, para a qual os burgueses da Idade Média, com seus caminhos vicinais, precisaram de séculos para alcançar, os proletários modernos conseguiram-na, com suas ferrovias, em poucos anos.

Esta organização dos proletários em classe, e, deste modo, em partido político, é rompida a cada momento pela concorrência existente entre os próprios operários. Mas avança e triunfa sempre, apesar de tudo, cada vez mais forte, mais sólida, mais poderosa. E ao tirar proveito das discórdias que surgem no seio da burguesia, forçam o reconhecimento legal de interesses dos seus próprios interesses. Assim foi conquistada na Inglaterra a lei da jornada de dez horas.¹²

As colisões produzidas entre as forças da antiga sociedade geraram novos impulsos ao desenvolvimento do proletariado. A burguesia luta incessantemente: primeiro, contra a aristocracia; depois contra setores da própria burguesia cujos interesses se chocam com os progressos da indústria, e sempre contra a burguesia dos demais países. Para tais combates, se vê obrigada a apelar ao proletariado, recorrer ao seu auxílio, arrastando-o assim para a arena política. E, deste modo, fornece ao proletariado seus elementos de formação, ou seja, fornece armas contra si mesma.

Além disso, como vimos, progressos da indústria trazem para as fileiras proletárias uma série de elementos da

12. A lei sobre a jornada de trabalho de dez horas (*Ten Hour's Bill*), extensiva apenas a mulheres e adolescentes, foi aprovada no Parlamento em 8 de junho de 1847, após uma forte e longa polemica entre setores da aristocracia fundiária e burguesia industrial. Contudo, na prática concreta, a maioria dos industriais não respeitava esta lei.

classe governante, ou ao menos a colocam nas mesmas condições de vida. E estes elementos proporcionam ao proletariado novas forças.

Finalmente, em tempos em que a luta de classes chega a um ponto decisivo, é tão violento e tão latente o processo de desintegração da classe dominante no seio da sociedade antiga, que uma pequena parte desta classe se desprende e abraça a causa revolucionária, tornando-se a classe que traz o futuro em suas mãos. E assim como antes parte da nobreza passava para o lado da burguesia, agora uma parte da burguesia passa ao campo do proletariado, destacadamente uma parte dos intelectuais burgueses, que alcançaram um entendimento teórico da totalidade do curso histórico.

De todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, há somente uma classe verdadeiramente revolucionária: o proletariado. As demais perecem e desaparecem com a grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é seu produto genuíno. Os elementos das classes médias - o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão, o camponês - lutam todos contra a burguesia para salvar da ruína sua existência enquanto tais classes. Não são, portanto, revolucionários, mas conservadores. E reacionários, uma vez que pretendem fazer andar para trás a roda da história. Se são revolucionários, o são apenas à luz da iminente passagem para o proletariado; desta forma, não defendem seus interesses atuais, mas os futuros; abandonam sua posição para assumirem a do proletariado.

O lumpemproletariado, essa putrefação passiva das camadas mais baixas da velha sociedade, se vê arrastado em parte ao movimento por uma revolução proletária, mas suas condições de vida o faz mais propício a ser comprado como instrumento de ações reacionárias.

As condições de vida da velha sociedade aparecem já aniquiladas nas condições de vida do proletariado. O proletário está desprovido de propriedade. Suas relações com a mulher e os filhos já nada tem em comum com as relações familiares burguesas; a produção industrial moderna, o moderno jugo do capital, que é o mesmo na Inglaterra do que na França, na Alemanha e na América, tirou-lhe todo caráter nacional. As leis, a moral, a religião, são para ele outros tantos preconceitos burgueses, atrás dos quais se escondem outros tantos interesses da burguesia.

Todas as classes anteriores que conquistaram o poder buscaram consolidar sua posição já alcançada, submetendo toda a sociedade às condições do seu regime. Os proletários apenas podem conquistar as forças produtivas abolindo o regime a qual foram submetidos, juntamente com todo o regime de apropriação da sociedade. Os proletários nada têm de seu a assegurar, têm que destruir todas as seguranças privadas.

Até agora, todos os movimentos sociais foram iniciados por uma minoria ou no interesse de uma minoria. O movimento proletário é o movimento autônomo de uma imensa maior no interesse de uma imensa maioria. O proletariado, a camada mais baixa e oprimida da sociedade atual, não pode levantar-se, incorporar-se, sem fazer ir pelos ares todo o edifício que forma a sociedade oficial.

Por sua forma, ainda que não por seu conteúdo, a luta do proletariado contra a burguesia começa como luta nacional. É lógico que o proletariado de cada país necessite primeiramente ter o acerto de contas com sua própria burguesia.

Ao esboçar, em linhas muito gerais, as diferentes fases do desenvolvimento do proletariado, seguimos a guerra civil mais ou menos oculta no seio da sociedade vigente até o mo-

mento em que esta desencadeia uma revolução aberta e franca, e o proletariado, pela derrubada violenta da burguesia, funda sua dominação.

Toda a sociedade repousava até aqui, como vimos, no antagonismo entre as classes oprimidas e as opressoras. Mas para oprimir uma classe é necessário assegurar-lhe, pelo menos, condições nas quais possam reproduzir minimamente sua existência servil. O servo da gleba conseguiu chegar a membro da comuna, ainda que sem sair da servidão, assim como o habitante de uma vila converteu-se em burguês sob o jugo do absolutismo feudal. A situação do operário moderno é muito distinta, pois longe de melhorar conforme o progresso da indústria, decai e piora para abaixo do nível de sua própria classe. O operário empobrece, e o pauperismo se desenvolve em proporções muito maiores que a população e a riqueza. Fica evidente que a burguesia é incapaz de seguir como classe dominante e impor à sociedade suas condições de vida como norma. É incapaz de governar porque é incapaz de assegurar a seus escravos sua própria existência no seio da escravidão, porque é obrigada a deixar chegar uma situação de desamparo na qual não tem outro remédio a não ser mantê-lo, quando são eles quem deveriam mantê-la. A sociedade não pode seguir vivendo sob o domínio desta classe; a vida da burguesia já não é mais compatível com a sociedade.

A condição essencial para a existência e a dominação de classe da burguesia é a concentração privada da riqueza nas mãos de poucos indivíduos, a formação e multiplicação do capital, que, por sua vez, não pode existir sem o trabalho assalariado. O trabalho assalariado pressupõe, inevitavelmente, a concorrência entre os operários. O progresso da indústria, do qual a burguesia é portadora espontânea e automática, impõe para o lugar do isolamento dos operários pela

concorrência, sua união revolucionária pela associação. E assim, ao se desenvolver a grande indústria, a burguesia se vê retirada debaixo dos seus pés a própria base sobre a qual produz e se apropria dos produtos. Produz, dessa forma, o seu próprio coveiro. O seu declínio e a vitória do proletariado são inevitáveis.

II. Proletários e Comunistas

Que relação guardam comunistas com os proletários?

Os comunistas não formam um partido a parte dos demais partidos operários. Não têm interesses próprios que se distingam dos interesses gerais do proletariado. Não professam princípios especiais com os quais queiram modelar o movimento proletário.

Os comunistas diferenciam-se dos demais partidos proletários apenas pelo fato de que destacam e reivindicam sempre, em todas e cada uma das ações nacionais proletárias, os interesses comuns e peculiares de todo o proletariado, independentes de sua nacionalidade, e que, em qualquer que seja a etapa histórica em que se mova a luta entre proletariado e burguesia, mantém sempre o interesse do movimento em seu conjunto.

Os comunistas são, pois, na prática, o setor mais decidido, o estímulo dos partidos operários de todos os países; na teoria, têm a vantagem, sobre as grandes massas do proletariado, da sua clara visão das condições, do curso e dos resultados gerais do movimento proletário.

O objetivo imediato dos comunistas é idêntico ao de todos os demais partidos proletários em geral: formar a consciência de classe do proletariado, derrotar o regime da burguesia, conduzir o proletariado à conquista do poder.

As proposições teóricas dos comunistas não repousam de modo algum nas ideias, em princípios, forjados ou descobertos por algum tipo de redentor da humanidade. São, todas, expressão generalizada das condições materiais de uma luta de classes real e vívida, de um movimento histórico que se desenvolve diante dos olhos de todos. A abolição do vigente regime de propriedade tampouco é uma peculiaridade do comunismo.

As condições que formam o regime da propriedade estão sempre sujeitas a mudanças históricas, a alterações históricas constantes.

Assim, por exemplo, a Revolução Francesa aboliu a propriedade feudal para instaurar sobre suas ruínas a propriedade burguesa.

O que caracteriza o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição do regime de propriedade da burguesia, desta moderna instituição da propriedade privada burguesa, expressão última mais acabada desse regime de produção e apropriação dos produtos do trabalho que repousa sobre o antagonismo de duas classes, sobre a exploração do homem sobre o homem. Neste sentido, podem os comunistas condensar sua teoria na fórmula: supressão [*Aufhebung*] da propriedade privada.

Nos reprovam, a nós comunistas, de que queremos abolir a propriedade pessoal, fruto do trabalho e do esforço humano, essa propriedade que é para o homem a base de toda liberdade, o estímulo de todas as atividades e a garantia de toda independência.

Propriedade fruto do trabalho, adquirida pelo esforço próprio! Se referes por acaso a propriedade do humilde artesão, do pequeno camponês, precedente histórico da proprie-

dade burguesa? Não, essa não necessitamos abolir; o desenvolvimento da indústria já o fez e o faz diariamente. Ou falais sobre a moderna propriedade privada burguesa?

Diga-nos, o trabalho assalariado, o trabalho do proletário, lhe rende propriedade? Não, de modo algum. O que cria é capital, esta forma de propriedade que explora o trabalho assalariado, que somente pode crescer e multiplicar-se na condição de engendrar novo trabalho assalariado para também explorar. A propriedade, na forma atual, não admite saída e move-se no antagonismo entre capital e trabalho assalariado. Consideremos os dois termos desta oposição.

Ser capitalista significa ocupar uma posição, que não é simplesmente pessoal, mas social, no processo de produção. O capital é um produto coletivo e não pode ser posto em movimento por uma atividade comum de muitos indivíduos, em última instância, esta cooperação abarca a atividade comum de todos os indivíduos da sociedade. O capital não é, pois, um poder pessoal, trata-se de um poder social.

Se, portanto, o capital se converte em propriedade comunitária, pertencente a todos os membros da sociedade, a propriedade pessoal não se transforma então em propriedade social. Apenas se modifica o caráter social da propriedade, perde o seu caráter de classe.

Falemos agora sobre o trabalho assalariado.

O preço médio do trabalho assalariado é o mínimo do salário, ou seja, a soma dos víveres necessária para sustentar o operário como tal. Tudo o que o operário assalariado adquire com seu trabalho é, pois, o que estritamente necessita para seguir vivendo e trabalhando. Nós não aspiramos de modo algum abolir o regime de apropriação pessoal dos produtos de um trabalho encarregado de criar meios de vida: regime de apropriação que não deixa, como vimos, a menor

margem de rendimento líquido e, com ele, a possibilidade de exercer poder sobre os demais homens. Queremos suprimir apenas o caráter miserável desta apropriação na qual o operário somente sobrevive para multiplicar o capital, vive somente na medida em que o interesse da classe dominante determine que viva.

Na sociedade burguesa o trabalho vivo do homem não é mais do que um meio para multiplicar o trabalho acumulado. Na sociedade comunista, o trabalho acumulado será, pelo contrário, um simples meio para dilatar, fomentar e enriquecer a vida dos operários.

Na sociedade burguesa domina, portanto, o passado sobre o presente, na comunista, dominará o presente sobre o passado. Na sociedade burguesa ser reserva ao capital toda personalidade e iniciativa; ao passo que o indivíduo trabalhador carece de iniciativa e personalidade.

E a supressão dessas condições, a burguesia chama de abolição da personalidade e da liberdade! E, contudo, tem razão. Aspiramos ver abolidas a personalidade, a independência e a liberdade burguesa.

Por liberdade, entende-se, no regime burguês da produção, o livre mercado, a liberdade de comprar e vender.

Desaparecido o tráfico, desaparecer também, forçosamente o livre tráfico. A apologia do livre tráfico, como em geral todos o palavreado sobre liberdade que entona nossa burguesia, somente tem sentido e razão de ser enquanto significam a emancipação das travas e a servidão da Idade Média, mas se constroem ante a abolição comunista do tráfico, das condições burguesas de produção e da própria burguesia.

Horrorizai-vos por querermos suprimir a propriedade privada, como se na sociedade existente, a propriedade pri-

vada já não estivesse abolida para nove décimas partes da população; ela existe precisamente ao custo de não existir para nove décimos. O que é então o que nos reprovais? Querer destruir um regime de propriedade que tem por necessária condição o despojamento da imensa maioria da sociedade. Em suma, censurai-nos por querer abolir vossa propriedade. Pois é exatamente isso o que queremos.

A partir do momento em que o trabalho não posso ser convertido em capital, em dinheiro, em renda, em um poder social monopolizável, isto é, desde o momento em que a propriedade pessoal não possa converter-se em propriedade burguesa, a pessoa é suprimida.

Em consequência, por pessoa não entendeis mais nada que senão o burguês, o capitalista. Pois bem, a personalidade assim concebida é o que nós aspiramos destruir.

O comunismo não priva ninguém do poder de apropriar-se dos produtos sociais; retira apenas é o poder de, por esta apropriação, usurpar o trabalho alheio.

Se argumenta então que, abolida a propriedade privada, cessará toda a atividade e reinará a indolência universal.

Se isto fosse verdade, já há muito tempo estaria na inércia uma sociedade como a burguesa, na qual os que trabalham não adquirem e os que adquirem, não trabalham. Vossa objeção vem a reduzir-se, no final das contas, a uma verdade que não necessita de demonstração, que deixa de haver trabalho assalariado assim que não mais haver capital.

As objeções formuladas contra o regime comunista de apropriação e produção material, também são extensivas à produção e apropriação dos produtos espirituais. E assim como destruir a propriedade de classe equivale, para o burguês, ao destruir a produção em geral, destruir a cultura de classe é para ele sinônimo de destruir a cultura em geral.

Essa cultura cuja perda tanto lamenta, é a que converte em máquina a imensa maioria da sociedade.

Ao discutir conosco e criticar a abolição da propriedade burguesa a partir de vossas ideias burguesas de liberdade, cultura, direito, etc.; não os dão conta de que essas mesmas ideias são outros tantos produtos do regime burguês de propriedade e de produção, do mesmo modo que vosso Direito não é mais do que a vontade de vossa classe elevada a lei; uma vontade que tem seu conteúdo nas condições materiais de vida de vossa classe.

Compartilhaiis com todas as classes dominantes que já existiram outrora e pereceram a ideia interessada de que vosso regime de produção e de propriedade, obra de condições histórias que desapareceram no transcurso da produção, descansa sobre leis naturais eternas e sobre os ditames da razão. Explicais que pareceu a propriedade antiga, explicais que pereceu a propriedade feudal; o que não podeis explicar é que pereça a propriedade burguesa, vossa propriedade.

Abolição da família! Até os mais radicais se escandalizam com esta intenção infame dos comunistas.

Mas no que se assenta a família atual, a família burguesa? No capital, no lucro privado. Somente a burguesia tem uma família, no sentido pleno da palavra; e esta família encontra seu complemento na forçada carência de relações familiares dos proletários e na prostituição pública.

É natural que este tipo de família desapareça ao desaparecer seu complemento, e que uma e outra deixem de existir ao deixar de existir o capital, que lhe serve como base.

Nos reprovais por aspirar abolir a exploração dos filhos por seus pais? Confessamos este crime.

Mas, dizeis, nós supriremos as relações de intimidade da família, substituindo a educação doméstica pela social.

Acaso sua própria educação não está também influenciada pela sociedade, pelas condições sociais em que se desenvolve, pela intromissão mais ou menos direta nela da sociedade por meio da escola, etc.? Não são precisamente os comunistas que inventaram a ação da sociedade na educação; o que eles fizeram foi modificar o caráter que hoje possui e arrancar a educação da influência da classe dominante.

A fraseologia burguesa acerca da família e da educação, da intimidade de pais e filhos, é ainda mais repugnante e descarada quanto mais a grande indústria rasga todos os laços familiares dos proletários e convertem os filhos em mercadorias e meros instrumentos de trabalho.

Mas vós, comunistas, quereis introduzir a comunidade das mulheres, grita-nos em coro toda a burguesia.

O burguês, que não vê em sua mulher mais do que um simples instrumento de produção, ao nos ouvir proclamar a necessidade de que os instrumentos de produção sejam explorados coletivamente, não pode pensar senão que o regime coletivo será extensivo igualmente à mulher.

Não suspeita que se trata precisamente de acabar com a posição da mulher como mero instrumento de produção.

Nada mais ridículo do que esses alardes indignados, carregados pela alta moral dos nossos burgueses, ao falar da pretensa coletivização das mulheres pelo comunismo. Os comunistas não precisam introduzir a comunidade de mulheres; esta existiu quase sempre na sociedade.

Nossos burgueses, não contentes de ter as mulheres e as filhas dos seus proletários a sua disposição, para nem sequer falar da prostituição oficial, sentem um grande prazer em seduzir as esposas entre si.

Na realidade, o casamento burguês já é a comunidade das esposas. No máximo, poderiam acusar os comunistas de

pretender substituir este hipócrita e recatado regime coletivo de hoje pela coletivização oficial, franca e aberta, da mulher. De resto, é evidente que com a supressão do atual regime de produção, desaparecerá com ele a comunidade de mulheres que engendra, isto é, a prostituição oficial e não oficial.

Aos comunistas tem sido censurado também que querem abolir a pátria, a nacionalidade.

Os trabalhadores não têm pátria. Não se pode retirar-lhes o que não têm. Não obstante, se o objetivo imediato do proletariado é a conquista do poder político, sua elevação a classe nacional, de constituir-se como nação, é evidente que reside nele um sentido nacional, ainda que não seja de modo algum o sentido burguês de nacionalidade.

O próprio desenvolvimento da burguesia, o livre comércio, o mercado mundial, a uniformidade reinante na produção industrial, com as condições de vida que engendra, se encarregam de apagar, cada vez mais, as diferenças e antagonismos nacionais.

A vitória do proletariado acabará por fazê-los desaparecer. A unidade de ação dos proletários, ao menos nos países civilizados, é uma das primeiras condições da sua libertação. Na medida em que é suprimida a exploração de uns indivíduos por outros, desaparece também a exploração de umas nações por outras.

Com a oposição das classes no interior de cada nação cai a hostilidade das nações entre si.

As acusações contra o comunismo sob o ponto de vista religioso, filosófico e ideológico não merecem uma discussão mais detalhada.

Não é preciso inteligência fora do comum para compreender que, ao mudar as condições de vida, as relações sociais, a existência social do homem, se modificam também

suas ideias, suas opiniões e seus conceitos, em uma palavra, sua consciência.

A história das ideias é uma prova cabal de como se modifica e se transforma a produção espiritual com a material. As ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante.

Se fala de ideias que revolucionam toda uma sociedade; com isto, não faz mais do que dar expressão a um fato, que no seio da velha sociedade germinaram os elementos para a nova, que a dissolução das velhas ideias acompanha a dissolução das velhas relações sociais.

Quando o mundo antigo estava prestes a desaparecer, as religiões antigas foram vencidas e suplantadas pelo cristianismo. No século XVIII, quando as ideias cristãs sucumbiam ante o racionalismo, a sociedade feudal travava uma última luta desesperada contra a burguesia, então revolucionária. As ideias de liberdade de consciência e de liberdade religiosa não fizeram mais do que proclamar o triunfo da livre concorrência no domínio do saber.

Mas nos dirão que as ideias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas, etc., ainda que sofram alterações ao longo da história, têm sempre um fundo de perenidade, e que, por debaixo dessas mudanças, sempre houve uma religião, uma moral, uma filosofia, uma política, um direito.

Ademais, seguirão argumentando, existem verdades eternas como a liberdade, a justiça, etc., comuns a todas as sociedades e a todas as etapas do progresso da sociedade. Pois bem, o comunismo – continua o argumento – busca destruir tais verdades eternas, a moral, a religião, e não a substituí-las por outras novas; quer interromper violentamente todo o desenvolvimento histórico anterior.

Vejamos ao que se reduz esta acusação.

Até hoje, toda a história da sociedade tem sido uma constante sucessão de antagonismos de classes, que se revestem de diversas modalidades, segundo as épocas históricas. Contudo, qualquer que seja a forma adotada em cada caso, a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todas as épocas do passado. Nada tem, pois, de estranho que a consciência social de todas as épocas se atenha, a despeito de toda a variedade e de todas as divergências, a certas formas comuns, formas de consciência que só se dissolvem completamente com o desaparecimento total do antagonismo de classes.

A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações de propriedade existentes; nada tem, pois, de se estranhar que seja obrigada a romper, em seu desenvolvimento, de maneira também mais radical, com as ideias tradicionais existentes.

Deixemos de lado as objeções da burguesia contra o comunismo.

Já vimos anteriormente que o primeiro passo da revolução operária é a elevação do proletariado a classe dominante, a conquista da democracia pela luta.

O proletariado usará o poder para despojar, pouco a pouco, a burguesia de todo o capital, de todos os instrumentos de produção, centralizando-os nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como classe governante, e procurando fomentar por todos os meios e com a maior rapidez possível as forças produtivas.

Naturalmente, isto só pode ser levado a cabo por meio de ações despóticas sobre a propriedade e nas relações de produção burguesas, por meio de medidas que, ainda que pareçam economicamente insuficiente e insustentável, no de-

curso do movimento levam para além de si mesmas e são imprescindíveis como meio de transformação de todo o modo de produção vigente.

Estas medidas não poder ser as mesmas, evidentemente, em todos os países. Para os mais avançados, contudo, poderão ser aplicadas de um modo bastante geral as seguintes: 1) Expropriação da propriedade fundiária e emprego das rendas fundiárias para despesas do Estado; 2) Pesado imposto progressivo; 3) Abolição do direito de herança; 4) Confiscação da propriedade dos emigrantes e rebeldes; 5) Centralização do crédito nas mãos do Estado, através de um banco nacional com capital de Estado e monopólio exclusivo; 6) Centralização do sistema de transportes nas mãos do Estado; 7) Multiplicação das fábricas nacionais, dos instrumentos de produção, arroteamento e melhoramento dos terrenos de acordo com um plano comunitário; 8) Obrigatoriedade do trabalho para todos, instituição de exércitos industriais, em especial para a agricultura; 9) Unificação da exploração da agricultura e da indústria, eliminação gradual da diferença entre cidade e campo; 10) Educação pública e gratuita de todas as crianças. Eliminação do trabalho das crianças nas fábricas na sua forma atual. Unificação da educação com a produção material, etc.

Tão logo, no transcurso do tempo, tenham desaparecido as diferenças de classe e toda a produção esteja concentrada nas mãos da sociedade, o Estado perderá todo carácter político. Em sentido próprio, o poder político não é mais do que o poder organizado de uma classe para opressão de uma outra. O proletariado se vê forçado a organizar-se como classe para lutar contra a burguesia; a revolução o torna classe dominante e como tal suprime violentamente as velhas relações de produção, suprimindo junto a estas as condições de

existência dos antagonismos de classes, das próprias classes e, portanto, sua própria dominação como classe.

À velha sociedade burguesa, com suas classes e seus antagonismos de classes, substituirá uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.

III. Literatura Socialista e Comunista

1. O Socialismo Reacionário

a) O Socialismo Feudal

A aristocracia francesa e inglesa, que não se resignava ao abandono do seu posto, se dedicou, quando já não podia fazer outra coisa, a escrever libelos contra a moderna sociedade burguesa. Na revolução de julho de 1830 na França, no movimento reformista inglês¹³, voltou a sucumbir, diante do odiado intruso. E não podendo travar mais nenhuma luta política séria, não restava outra arma que senão a caneta. Mas, também, em matéria literária haviam mudados os tempos; já não era possível o emprego da linguagem da época da Restauração¹⁴. Para ganhar simpatias, a aristocracia teve que esquecer aparentemente os seus interesses e acusar a burguesia, sem considerar mais do que o interesse da classe operária

13. Movimento pela reforma eleitoral, que, graças a pressão das massas populares, foi realizada pela Câmara dos Comuns inglesa em 1831 e definitivamente ratificada pela Câmara dos Lordes em junho de 1832. A reforma visava combater o monopólio político da aristocracia agrária e financeira e proporcionou a participação no parlamento de representantes da burguesia industrial. O proletariado e a pequena burguesia, que constituíam a força principal da luta pela reforma, foram traídos pela burguesia liberal e não obtiveram direitos eleitorais.

14. Não a Restauração Inglesa, de 1660 a 1689, mas a Restauração Francesa de 1814 a 1830 [Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

explorada. Deste modo, se contentava em provocar seu adversário com ameaças e em sussurrar aos seus ouvidos profecias catastróficas.

Nasceu assim, o socialismo feudal, uma mescla de lamentação, eco do passado e rumor surdo do futuro, um socialismo que de vez em quando desferia contra a burguesia um golpe no meio do coração com seus juízos sarcásticos e agressivos, mas que, quase sempre, causava risos por sua completa incapacidade de compreensão acerca da marcha da história moderna.

Para atrair o povo, tremulava a sacola do mendigo proletário como sua bandeira. Mas, quantas vezes o seguia, o povo via brilhar as suas costas dos caudilhos das velhas armas feudais e se dispersava com um riso incontido e bastante desrespeitoso.

Uma parte dos legitimistas francês¹⁵ e a Jovem Inglaterra¹⁶, foram os mais perfeitos organizadores do espetáculo.

Estes senhores feudais, que tanto insistem em demonstrar que seus modos de exploração não se pareciam em nada aos da burguesia, se esquecem de uma coisa, que as circunstâncias e condições nas quais exerciam sua exploração já desapareceram. E, ao se orgulhar de que sob seu regime não existia o moderno proletariado, não advertem que esta

15. Os partidários da dinastia "legítima" dos Bourbons, derrubada em 1830, que representava os interesses dos detentores das grandes propriedades fundiárias. Em sua luta pelo poder contra a dinastia dos Orleans (1830-1848), que se apoiava na aristocracia financeira e na grande burguesia, uma parte utilizava frequentemente a demagogia liberal, colocando-se como defensores dos trabalhos contra os exploradores burgueses.

16. Grupo de políticos e literatos pertencentes ao partido dos Tories formado nos anos 40 do século XIX. Expressava o descontentamento da aristocracia fundiária pelo reforço do poder político e econômico da burguesia, e também praticava a demagogia para atrair a classe operária para sua luta.

burguesia que tanto abominam, é um produto historicamente necessária de sua ordem social.

Ademais, não se preocupam tanto em encobrir o selo reacionário de suas doutrinas, e assim se explica que sua mais raivosa acusação contra a burguesia seja precisamente ter criado e fomentado sob seu regime uma classe que está chamada a destruir a ordem social herdada.

O que reprovam na burguesia não é ter engendrado o proletariado, mas sim ter engendrado o proletariado revolucionário.

Por isso, na prática estão sempre dispostos a tomar parte em todas as violências e repressões contra a classe operária, e na prosaica realidade se resignam, em que pese toda a retórica empolada, a recolher também os ovos de ouro e a trocar a nobreza, o amor e a honra cavalheirescas pelo vil tráfico da lã, beterraba e aguardente.¹⁷

Como os padres andam sempre de mãos dadas aos senhores feudais, não é estranho que este socialismo conflua o socialismo clerical.

Nada mais fácil do que dar ao ascetismo cristão um verniz socialista. Não combateu também o cristianismo contra a propriedade privada, contra o matrimônio, contra o Estado? Não pregou frente as instituições de caridade e esmolas, o celibato e o castigo da carne, a vida monástica e a Igreja? O

17. Aplica-se principalmente à Alemanha, onde a aristocracia fundiária e a fidalguia rural possuem grandes parcelas das suas propriedades cultivadas por sua própria conta por administradores, que são, ao mesmo tempo, manufatureiros extensivos de açúcar de beterraba e destiladores de aguardentes de batata. A aristocracia britânica mais rica está bastante acima disto; mas também sabe como compensar o declínio das rendas emprestando o seu nome a promotores mais ou menos suspeitos de sociedades por ações. [Nota de Engels à edição inglesa de 1888]

socialismo cristão é a água benta com que o clérigo abençoa o ressentimento do aristocrata.

b) *O Socialismo Pequeno-burguês*

A aristocracia feudal não é a única classe derrotada pela burguesia, a única classe cuja condições de vida se atrofiaram e se extinguiram na moderna sociedade burguesa. E nos países nos quais a indústria e o comércio não alcançaram um nível suficiente de desenvolvimento, esta classe segue vegetando ao lado da burguesia em ascensão.

Nos outros países em que a civilização moderna alcança um certo grau de progresso, veio a se formar uma nova classe pequeno burguesa que flutua entre a burguesia e o proletariado e que, ainda que gire constantemente como satélite em torno da sociedade burguesa, não faz mais do que brindar novos elementos ao proletariado, precipitados a este pela concorrência; ao desenvolver-se a grande indústria chega o momento em que esta parte da sociedade moderna perde sua substantividade e se é superada no comércio, na manufatura, na agricultura por capatazes e criados.

Em países como a França, onde a classe trabalhadora representa mais do que metade da população, era de se esperar que certos escritores, ao abraçar a causa do proletariado contra a burguesia, tomassem por norma, para criticar o regime burguês, os interesses dos pequeno-burgueses e dos camponeses, simpatizando pela causa operária com o idearia da pequena burguesia. Assim nasceu o socialismo pequeno-burguês. Seu maior representante, o mesmo na França e na Inglaterra, é Sismondi.

Este socialismo analisou de forma aguda as contradições do moderno regime de produção. Desmascarou os sofis-

mas hipócritas com que pretendem justificá-las os economistas. Pôs em relevo de modo irrefutável, os efeitos aniquiladores do maquinismo e da divisão do trabalho, a concentração dos capitais e da posse fundiária, a superprodução, as crises, a inevitável desapareição dos pequeno-burgueses e camponeses, a miséria do proletariado, a anarquia reinante na produção, a guerra industrial de aniquilação de nações contra outras, a dissolução dos antigos costumes, da família tradicional, das velhas nacionalidades.

Mas no que se refere a suas fórmulas positivas, este socialismo não tem outra aspiração que senão restaurar os antigos meios de produção de troca, e com eles o regime tradicional de propriedade e a sociedade tradicional, quando não pretende encaixar por meio da violência os modernos meios de produção e de troca dentro do marco das velhas relações de propriedade, as quais tiveram, forçosamente, que saltar. É simultaneamente reacionário e utópico.

Na manufatura, restauração das antigas corporações, e no campo, implantação de um regime patriarcal: eis as suas aspirações.

No seu desenvolvimento posterior, esta corrente veio a cair em uma ressaca covarde.

c) O Socialismo Alemão ou “Verdadeiro” Socialismo

A literatura socialista e comunista da França, nascida sob a pressão de uma burguesia governante e expressão literária da luta travada contra esta dominação, foi importada na Alemanha no mesmo instante em que a burguesia começava a sacudir o jugo do absolutismo feudal.

Os filósofos, pseudo-filósofos e grandes espíritos do país assimilaram avidamente aquela literatura, mas esquece-

ram que com as doutrinas não imigraram, também, as condições sociais correspondentes. Diante da situação alemã, a literatura socialista francesa perdeu toda sua importância prática direta, para assumir uma fisionomia puramente literária e converte-se em uma ociosa especulação acerca do espírito humano e suas projeções sobre a realidade. E, assim, enquanto que os postulados da Revolução Francesa eram, para os filósofos alemães do século XVIII, os postulados da “razão prática” em geral, as aspirações da burguesia revolucionária francesa eram sob seus olhos as leis da vontade pura, da vontade ideal, de uma vontade verdadeiramente humana.

A única preocupação dos literatos alemães era harmonizar as novas ideias francesas com sua velha consciência filosófica, ou, em outras palavras, assimilar a partir do seu ponto de vista filosófico, tais ideias.

Esta assimilação foi realizada pelo mesmo método com que se assimila uma língua estrangeira: traduzindo-a.

Todos sabem que os monges medievais se dedicavam a inserir aos manuscritos que acumulavam das obras clássicas do paganismo com todo gênero de insubstanciáveis histórias de santos da Igreja Católica. Os literatos alemães procederam com a literatura francesa profana de um modo inverso. O que fizeram foram unir seus absurdos filosóficos aos originais franceses. E assim, onde o original fazia a crítica do dinheiro colocavam: “expropriação do ser humano”; onde se criticava o Estado burguês: “abolição do império do geral abstrato”, e assim por diante.

Esta interpelação de locuções e empolações filosóficas nas doutrinas francesas, foi batizada com os nomes de “filosofia do fato”, “verdadeiro socialismo”, “ciência alemã do socialismo”, “fundamentação filosófica do socialismo”, e outros nomes semelhantes.

Deste modo, a literatura socialista e comunista francesa perdia toda sua virilidade. E como, nas mãos dos alemães, já não expressava a luta de uma classe contra outra classe, o professor alemão tinha a ilusão de ter superado o “parcialismo francês”; a falta de verdadeiras necessidades proclamava a da verdade, e a falta dos interesses do proletariado mantinha os interesses do ser humano, do homem em geral, desse homem que não reconhece classes, que deixou de viver na realidade para ser transportado ao céu etéreo da fantasia filosófica.

Contudo, este socialismo alemão, que levava tão a sério seus devaneios escolares e que tanto e tão solenemente proclamava, perdeu pouco a pouco sua pedante inocência.

Na luta da burguesia alemã e, principalmente, da prusiana, contra o regime feudal e a monarquia absolutista, o movimento liberal foi tomando uma aparência mais séria.

Isto oferecia ao “verdadeiro” socialismo a ocasião para opor ao movimento político as reivindicações socialistas, para fulminar os ataques contra o liberalismo, contra o Estado representativo, contra a livre concorrência burguesa, contra a liberdade de imprensa, a liberdade, a igualdade e o direito burgueses, denunciado antes as massas populares que com este movimento burguês nada teria a ganhar e, pelo contrário, teria muito a perder. O socialismo alemão esquecia de forma oportuna que a crítica francesa, da qual não era mais do que um eco sem vida, pressupunha a existência da moderna sociedade burguesa, com suas condições materiais de vida particulares e sua organização política adequada, ambos pressupostos em torno dos quais girava a luta na Alemanha.

Este “verdadeiro” socialismo caminhava ao lado dos governos absolutistas alemães, com todo seu grupo de cléri-

gos, professores, escudeiros e funcionários públicos, pois servia-lhes de espantalhos contra a ameaçadora burguesia. Era o doce complemento aos amargos golpes de chicote e as balas de fuzil com que esses governos recebiam as sublevações dos operários.

Mas o “verdadeiro” socialismo, além de ser, como vimos, uma arma nas mãos dos governos contra a burguesia alemã, encarnava de uma maneira direta um interesse reacionário, o interesse dos filisteus do país. A pequena burguesia, herdade do século XVI e que desde então não havia deixado de aflorar sob diversas formas e modalidades, constitui na Alemanha a verdadeira base social da ordem vigente.

Conservar esta classe é conservar a ordem social dominante. Do predomínio industrial e político da burguesia teme a fatal ruína, tanto pela concentração de capitais que disto decorre, como porque engendra a formação de um proletariado revolucionário. O “verdadeiro” socialismo poderia – assim o imaginava – acertar com um só golpe esses dois perigos. Por isso, se estendeu pelo país tal qual uma epidemia.

A roupagem com que os socialistas alemães envolviam os ossos de suas “verdades eternas”, tecida com teias especulativas, bordada com flores retóricas dos grandes espíritos, empapada em nevoeiros melancólicos e românticos, tornou ainda mais agradável a mercadoria para tal público.

Por sua vez, o socialismo alemão compreendia mais claramente que a sua missão era ser o maior representante dessa pequena burguesia.

Proclamou a Alemanha como nação modelo e ao súdito alemão como o tipo exemplar de homem. Deu a todos seus servilismos e baixezas um profundo e oculto sentido socialista, tornando-as no contrário do que eram na realidade.

E ao se levantar cuidadosamente contra as tendências “bárbaras e destrutivas” do comunismo, sublinhando em contrastes a imparcialidade sublime de suas próprias doutrinas, alheias a toda luta de classes, não faziam mais do que tirar a última consequência lógica de seu sistema. Toda a pretensa literatura socialista e comunista que circula na Alemanha, com raras exceções, professa estas doutrinas repugnantes e debilitantes.¹⁸

2. O Socialismo Burguês ou conservador

Uma parte da burguesia deseja mitigar as injustiças sociais, para, deste modo, garantir a perpetuação da sociedade burguesa.

Se encontram neste bando os economistas, os filantropos, os humanitários, os que aspiraram melhor a situação das classes operárias, os organizadores de atos de beneficência, as sociedades protetoras dos animais, os promotores de campanhas contra o alcoolismo, os reformadores sociais de todos os tipos. Mas, deste socialismo também foram elaboradas doutrinas completas.

Tomaremos como um exemplo a *Filosofia da Miséria* de Proudhon.

Os burgueses socialistas consideram ideais as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos necessariamente decorrentes desta. Seu ideal é a sociedade existente, depurada dos elementos que a corroem e revolucionam: a burguesia sem o proletariado. É natural que a burguesia se apresente o mundo em que governa como o melhor

18. A tempestade revolucionária de 1848 varreu toda esta orientação e tirou dos defensores o apetite para continuarem a brincar ao socialismo. O senhor Karl Grün é o principal representante e o tipo clássico desta orientação. [Nota de Engels à edição alemã de 1890]

dos mundos possíveis. O socialismo burguês elabora esta ideia conservadora em meio sistema ou até em um sistema completo. E ao convidar o proletariado a que o realize, tomando posse da nova Jerusalém, o que na realidade se exige é que permaneça para sempre no atual sistema de sociedade, mas que se desfaça da deplorável ideia que tem sobre esta.

Uma segunda modalidade de socialismo, ainda que menos sistemática, mas bastante prática, pretende arregimentar a classe operária de todo movimento revolucionário fazendo-a ver que a ela não interessa essas ou outras mudanças políticas, mas simplesmente determinadas melhorias nas condições materiais econômicas de vida. É evidente que este socialismo trata de não incluir nas mudanças que afetam as “condições materiais de vida” a abolição do regime burguês de produção, que somente pode ser alcançada pela via revolucionária; suas aspirações se resumem a essas reformas administrativas que são conciliáveis com a atual regime de produção e que, portanto, não afetam nas relações entre o capital e o trabalho assalariado, servindo somente – no melhor dos casos – para a burguesia reduzir os custos de sua dominação e sanear o orçamento do Estado.

Este socialismo burguês a que nos referimos, somente encontra expressão adequada onde se converte em mera figura retórica.

Pedimos o livre comércio no interesse da classe operária! No interesse operário pedimos proteção alfandegária! Celas de prisão no interesse da classe trabalhadora! Eis a última palavra do socialismo burguês, a sua aspiração suprema e a única.

Todo o socialismo da burguesia se reduz a uma tese e é que os burgueses são burgueses... no interesse da classe trabalhadora.

3. O Socialismo e o Comunismo Crítico-Utópicos

Não queremos nos referir aqui à literatura que em toda as grandes revoluções modernas abraçam as aspirações do proletariado (obras de Babeuf, etc.).

As primeiras tentativas do proletariado para impor diretamente seus interesses de classe, em momentos de comoção geral, no período da derrubada da sociedade feudal, teria que tropeçar necessariamente com a falta de desenvolvimento do próprio proletariado, por uma parte, e de outro com a ausência das condições materiais indispensáveis para sua emancipação, que seriam produto da época burguesa. A literatura revolucionária que guia estes primeiros passos vacilantes do proletariado é – necessariamente ou teria que sê-lo – julgada reacionária por seu conteúdo. Esta professa um ascetismo universal e um vago igualitarismo.

Os verdadeiros sistemas socialistas e comunistas, os de Saint-Simon, de Fourier, de Owen, etc., surgem na primeira fase embrionária de lutas entre o proletariado e a burguesia, tal como anteriormente esboçamos. (Ver o capítulo II, “Burgueses e Proletários”).

Os autores destes sistemas penetram no antagonismo de classes e na ação dos elementos dissolventes que germinam no seio da própria sociedade vigente. Mas não enxergam no proletariado uma ação histórica independente, um movimento político próprio e peculiar.

E como o antagonismo de classe se desenvolve sempre ao lado do da indústria, se deparam com a falta das condições materiais para a emancipação do proletariado, e é em vão que se debatem para criá-las mediante uma ciência social e a força de leis sociais. Esses autores pretendem superar a ação social por sua ação pessoal especulativa, as condições históricas que determinarão a emancipação proletária por condições

fantásticas que eles mesmos forjam, a gradual organização do proletariado enquanto classe por uma organização da sociedade inventada em sua cabeça. Para eles, o curso da história que há de vir se resolve na propaganda e execução prática dos seus planos sociais.

É evidente que esses planos tem a consciência de defender primordialmente os interesses da classe trabalhadora, mas somente porque a consideram como a classe mais sofrida. Para eles, é a única função que existe ao proletariado.

A forma embrionária que, todavia, se apresenta a luta de classes e as condições em que se desenvolve a vida destes autores faz com que se considerem alheios à luta de classes e situados em um plano superior. Aspiram melhorar as condições de vida de todos os indivíduos da sociedade, inclusive dos melhores acomodados. Daí o apelo a sociedade sem distinção, quando não se dirigem preferencialmente a própria classe dominante. Demonstram a segurança de que basta conhecer seu sistema para acatá-lo como o plano mais perfeito para a melhor das sociedades possíveis.

Por isso, rechaçam tudo que seja ação política, principalmente a revolucionária; querem realizar suas aspirações pela via pacífica e tentar abrir o caminho para o novo evangelho social pela força do exemplo, por meio de pequenas experiências que, naturalmente, falham sempre.

Estas descrições fantásticas da sociedade do amanhã brotam em uma época em que o proletariado não chegou a sua maturidade, na qual, portanto, se forja uma série de ideias fantasiosas acerca do seu destino e posição, deixando-se levar pelos primeiros impulsos, puramente intuitivos, de transformar radicalmente a sociedade.

E, contudo, nestas obras socialistas e comunistas já há um princípio de crítica, posto que atacam as bases da sociedade existente. Por isso, contribuíram notavelmente para esclarecer a consciência da classe trabalhadora. Mas, fora isso, suas doutrinas de caráter positivo sobre a sociedade futura, que preveem, por exemplo, que se eliminarão as diferenças entre a cidade e o campo ou as que proclamam a abolição da família, da propriedade privada, do trabalho assalariado, o triunfo da harmonia social, a transformação do Estado em um simples organismo administrativo da produção... giram todas em torno da desapareição da luta de classes, dessa luta de classes que começa a ser desenhada e que eles apenas conhecem em sua primeira e vaga forma. Por isso, todas suas doutrinas e aspirações tem um caráter puramente utópico.

A importância deste socialismo e comunismo crítico-utópico está em razão inversa ao desenvolvimento histórico da sociedade. Ao passo em que a luta de classes se define e acentua, perde em importância e sentido prático essa fantástica posição de superioridade a ela, essa fé em sua supressão. Por isso, ainda que alguns dos autores destes sistemas socialistas tenham sido em muitos aspectos verdadeiros revolucionários, seus discípulos formam hoje em dia seitas indiscutivelmente reacionárias, que tremulam e manter impetritas as velhas ideias de seus mestres frente aos novos desenvolvimentos históricos do proletariado. São, pois, consequentes quando lutam por atenuar a luta de classes e por conciliar o inconciliável. E seguem sonhando com a fundação de falans-

térios, com a colonização interior, com a criação de uma pequena Icaria¹⁹, edição em miniatura da nova Jerusalém... e para levantar todos esses castelos no ar, não tem outro remédio que apelar a filantrópica generosidade dos corações e dos bolsos burgueses. Pouco a pouco, resvalam na categoria dos socialistas reacionários ou conservadores, dos quais somente se distinguem por sua sistemática pedantice e pelo fanatismo supersticioso com que comungam os milagres de sua ciência social. Eis aqui porque enfrentam raivosamente todos movimentos políticos a que se entrega o proletariado, cegos o suficiente para não acreditar no novo evangelho que pregam.

Na Inglaterra, os owenistas se levantam contra os cartistas e, na França, os reformistas²⁰ tem que enfrentar os discípulos de Fourier.

IV. Atitude dos comunistas ante Partidos de oposição

Depois do que já falamos no capítulo II, é fácil compreender a relação dos comunistas com os partidos operários já constituídos e com os cartistas ingleses e os reformadores agrários da América do Norte.

Os comunistas defendem os interesses da classe operária e lutam para alcançar seus objetivos e representam assim, dentro do movimento atual, seu futuro. Na França aliam-se ao partido democrático-socialista²¹ contra a burguesia

19. Colônias no país [*Home-Kolonien*] era como Owen chamava seus modelos de sociedades comunistas. Falanstérios era o nome dos palácios sociais planejados por Fourier. Icária se chamava o país utópico da fantasia cujas instituições Cabet descreveu. [Nota de Engels à edição alemã de 1890]

20. Democratas republicanos pequeno-burgueses e socialistas pequeno-burgueses, partidários do jornal francês *La Réforme*, publicado em Paris entre 1843 e 1850, que defendiam a instauração da República e reformas democráticas e sociais.

21. O partido que então em França se chamava socialista-democrático era o representado politicamente por Ledru-Rollin e literariamente por Louis Blanc;

conservadora e radical, mas sem negligenciar atitude crítica frente a fraseologia e as ilusões da tradição revolucionária francesa.

Na Suíça, apoiam radicais, sem ignorar que este partido é uma mescla de elementos contraditórios: em parte, socialistas democráticos no sentido francês, em parte burgueses radicais. Na Polônia, os comunistas apoiam o partido que indica a revolução agrária como condição para a libertação nacional do país, o mesmo partido que provocou a insurreição de Cracóvia de 1846.²²

Na Alemanha, o Partido Comunista coloca-se ao lado da burguesia quando esta atua de forma revolucionária, em uma luta conjunta contra a monarquia absolutista, contra a propriedade feudal da terra e contra a pequena burguesia.

Mas tudo isso sem deixar por um só instante de trabalhar entre os operários, até afirmar entre estes com a maior clareza possível a consciência do hostil antagonismo que separa a burguesia do proletariado, para que, ao chegar o momento, os operários alemães estejam preparados para voltar-se contra a burguesia, como outras tantas armas, essas mesmas condições políticas e sociais que a burguesia, uma vez que triunfe, não terá outra opção a não ser implantá-las; para que no mesmo momento em que se derrube as classes reacionárias, comece automaticamente a luta contra a burguesia.

era, pois, abissalmente diferente da social-democracia alemã dos nossos dias.

[Nota de Engels à edição alemã de 1890]

22. Insurreição preparada em fevereiro de 1846 com o objetivo da libertação nacional da Polônia. Os principais nomes dos insurrectos foram os democratas revolucionários poloneses. No entanto, devido à traição dos elementos da nobreza e da prisão dos dirigentes pela polícia prussiana, a insurreição não se concretizou devidamente.

Os olhos dos comunistas se dirigem para a Alemanha, pois sabem que esta se encontra em vésperas de uma revolução burguesa e que tal acontecimento revolucionário irá se desenvolver sob as propícias condições da civilização europeia e com um proletariado muito mais poderoso do que o da Inglaterra no século XVII e o da França no XVIII, razões para que a revolução burguesa alemã que se avizinha seja, portanto, o prelúdio imediato de uma revolução proletária.

Em suma: os comunistas apoiam em todas as partes, movimentos revolucionários contra as situações sociais e políticas existentes.

Em todos estes movimentos se coloca em destaque a questão da propriedade, seja qual for a forma mais ou menos desenvolvida que tenha assumido, com a questão fundamental do movimento.

Por fim, os comunistas trabalham pela união e o entendimento dos partidos democráticos de todos os países.

Os comunistas não dissimulam suas ideias e intenções. Declaram abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam ante a ideia de uma revolução comunista! Nela os proletários não têm nada a perder a não ser os seus grilhões. Têm um mundo a ganhar.

Proletários de todos os países, uni-vos!

